

LISBOA ROMANA

FELICITAS IULIA OLISIPO

○ Ager Olisiponensis

e as estruturas de povoamento

GUILHERME CARDOSO

CRISTINA NOZES

Coordenação Científica



LISBOA
ROMANA —
FELICITAS IULIA OLISIPO

o **Ager Olisiponensis**
e as estruturas de povoamento

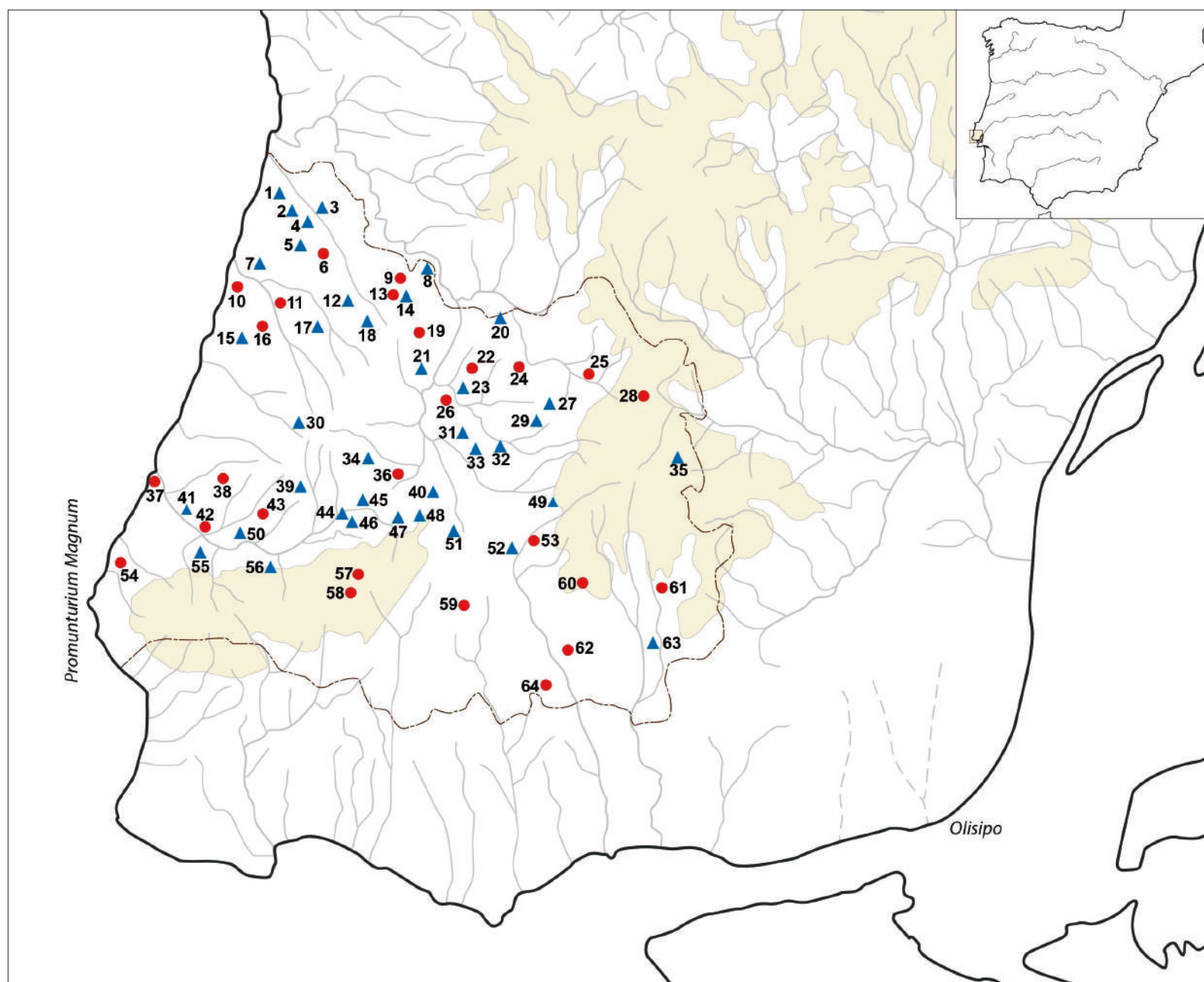
GUILHERME CARDOSO
CRISTINA NOZES

Coordenação Científica

ALEXANDRE GONÇALVES
AMÍLCAR GUERRA
ANTÓNIA COELHO-SOARES
CARLOS TAVARES DA SILVA
CRISTINA NOZES
ELISA DE SOUSA
GISELA ENCARNAÇÃO
GUILHERME CARDOSO
HENRIQUES MENDES
ISABEL LUNA
JOÃO LUÍS CARDOSO
JOÃO PIMENTA
JOAQUINA SOARES
JORGE LOPES
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
LUÍSA BATALHA
MARIA DA CONCEIÇÃO ANDRÉ
MARIA TERESA CAETANO
NELSON J. ALMEIDA
SEVERINO RODRIGUES
SUSANA DUARTE
TERESA RITA PEREIRA
VANESSA DIAS

Sumário

7	Apresentação	90	Moinho do Castelinho e a época romano-republicana na Amadora Estruturas, materiais e subsistência NELSON J. ALMEIDA VANESSA DIAS GISELA ENCARNÇÃO
8	Nota Introdutória	102	As villæ de Cascais O povoamento romano GUILHERME CARDOSO JOSÉ D'ENCARNÇÃO
11	O <i>ager olisiponensis</i> e as estruturas de povoamento GUILHERME CARDOSO CRISTINA NOZES	110	Vestígios de habitações da Antiguidade Tardia em Cascais GUILHERME CARDOSO SEVERINO RODRIGUES LUÍSA BATALHA
17	O povoamento na área do <i>ager olisiponensis</i> em época pré-romana ELISA DE SOUSA	117	O povoamento romano do concelho de Oeiras Antecedentes, economia e sociedade (séculos I a.C. – V d.C.) JOÃO LUÍS CARDOSO MARIA DA CONCEIÇÃO ANDRÉ
30	Vestígios romanos no território de Torres Vedras ISABEL LUNA GUILHERME CARDOSO	128	O <i>ager de Olisipo</i> no espaço do atual concelho de Lisboa GUILHERME CARDOSO CRISTINA NOZES
38	Vestígios romanos no território de Arruda dos Vinhos JORGE LOPES GUILHERME CARDOSO	134	Ocupação do período romano Republicano dos setores ocidentais do Castro de Chibanes (Palmela): Um balanço CARLOS TAVARES DA SILVA JOAQUINA SOARES JOÃO PIMENTA SUSANA DUARTE ANTÓNIA COELHO-SOARES TERESA RITA PEREIRA
42	De <i>Olisipo</i> a <i>Scallabis</i> O Povoamento Romano do Baixo Tejo e sua articulação com o núcleo de <i>Ierabriga</i> JOÃO PIMENTA HENRIQUE MENDES	150	Referências
55	Mosaicos da <i>villa</i> romana de Frielas MARIA TERESA CAETANO	165	Lista de Autores
66	A região de Sintra durante a Romanidade A zona ocidental dos <i>agri</i> do Município Olisiponense ALEXANDRE GONÇALVES		
80	Aqueduto romano de <i>Olisipo</i> na Amadora A história de um monumento em vias de classificação GISELA ENCARNÇÃO VANESSA DIAS		



- - Sítios referidos no texto ▲ - Outros Sítios com vestígios romanos ■ - Altitude superior a 200m - - - - - Limite de Concelho
- | | | | | |
|---------------------------|---------------------------|---------------------------------|-------------------------|------------------------------|
| 1 Mato Tapado | 14 Almarjão | 27 Terras do Urmal | 40 A-dos-Rolhados | 53 Telhal |
| 2 Cabeço dos Sete Moios | 15 Espadanais | 28 Casal do Rebolo | 41 Pinhal da Nazaré | 54 Santo André de Almoçageme |
| 3 Peroleite | 16 Tojeira | 29 Casal das Vivas | 42 Mucifal | 55 Colares |
| 4 Cornadelas | 17 São João das Lampas | 30 Aldeia Galega | 43 Lugar do Marcador | 56 Galamares |
| 5 Assafora | 18 Amoreira | 31 Granja do Marquês | 44 Quinta da Lameira | 57 Sintra |
| 6 Ermidas | 19 Faião | 32 Falimas | 45 Casal de Santo Amaro | 58 Santa Eufémia |
| 7 Cortesia | 20 Rebanque | 33 Palmeiros | 46 Madre de Deus | 59 Currais do Chão |
| 8 Almorquim | 21 Fonte Velha da Cabrela | 34 Casal do Ulmeiro | 47 São Romão | 60 Monte Suímo |
| 9 Funchal | 22 Montelavar | 35 Sopé do Cabeço das Sardinhas | 48 Labaceiras | 61 Barragem Romana |
| 10 Casal de Planos | 23 Limites de Abremum | 36 Abóbadas | 49 Granja de Santa Cruz | 62 Colaride |
| 11 Catribana | 24 Granja dos Serrões | 37 Alto da Vigia | 50 Quinta da Areia | 63 Baútas |
| 12 Areias | 25 Casal do Silvério | 38 Janas | 51 Sacotes | 64 São Marcos |
| 13 São Miguel de Odrinhas | 26 Armês | 39 Morelinho | 52 Recoveiro | |

FIG. 1

Mapa da região de Sintra com a localização dos sítios com vestígios de época romana.

A região de Sintra durante a Romanidade

A zona ocidental dos *agri* do Município Olisiponense

ALEXANDRE GONÇALVES

Apresentam-se neste texto alguns dos mais expressivos vestígios de época romana existentes no atual concelho de Sintra, através da análise dos quais se procura caracterizar esse importante período histórico na região. Depois do enquadramento geográfico e caracterização do território em estudo, referem-se os testemunhos dos primeiros contactos com o mundo itálico aqui identificados, a fase da Romanização. De seguida, expõem-se as principais evidências que ilustram o modelo de ocupação e exploração dos recursos através de um longo período – a Romanidade –, durante o qual assistimos a naturais transformações, particularmente significativas na progressiva transição para a Tardo-Antiguidade.

O território

A região de Sintra integrava durante a Antiguidade o extenso território municipal administrado por *Olisipo* (Lisboa), beneficiando assim da proximidade de uma cidade com larga tradição de contactos com povos mediterrânicos quase desde inícios do 1.º Milénio a.C., aspeto que facilita o processo de integração entre os romanos e as populações que aqui viviam.

A Romanização desta região deve assim ser considerada não como uma simples ocupação territorial, correspondendo antes a um percurso longo de mútua aculturação

entre populações hispânicas e itálicas, resultando numa progressiva e plena integração política, social e cultural daquelas no mundo romano.

A referência documental mais antiga de um contacto direto de Roma com esta região corresponde ao bem conhecido episódio relatado por Estrabão (3.3.1), no qual se descreve a ação de *Decimus Iunius Brutus* no vale do Tejo, em 138 a.C. Do relato do geógrafo grego conclui-se que *Olisipo* e a região envolvente se encontravam já, naquela época, de algum modo integradas na esfera de influência de Roma.

A cidade portuária de *Olisipo*, estrategicamente localizada na foz de uma grande via

de acesso ao interior – o rio *Tagus* – e sobre a fachada atlântica da Península Ibérica, assumirá o papel de uma verdadeira metrópole marítima contraposta e complementar da interior capital da província da Lusitânia, *Augusta Emerita* (Mérida). Àquele porto chegam produtos oriundos de todas as partes do Império, que são redistribuídos pelo território da cidade, o seu *ager* – onde se inclui Sintra – e, ainda, por muitas outras regiões da Lusitânia central.

São várias as referências à zona de Sintra nas fontes clássicas, reportando-se sobretudo à Serra – *Mons Sacer* e “Monte da Lua” – e ao *promunturium Magnum*, elementos que, a par do grande estuário do Tejo, constituem verdadeiros marcos na paisagem litoral do território olisiponense. Num outeiro aplanado sito nas raízes do referido promontório, junto à foz do rio de Colares, foi implantado um santuário imperial consagrado ao Sol, à Lua e ao Oceano, assinalando, ali precisamente, o extremo ocidental do Império e do mundo então conhecido (Ribeiro, 2019).

Com efeito, o *promunturium Magnum*, onde de acordo com Plínio se separam “as terras, o mar e o céu” (*Nat. Hist.* 4.113; Ribeiro, 1996b, p. 281), funciona como eixo de transição entre as influências do Sul mediterrânico e do Norte atlântico (*id.*, 2007, p. 607). A Serra de Sintra e o imponente cabo que se estende sobre o oceano são ainda naturalmente, a nível local, os elementos predominantes da paisagem em que se inserem, contribuindo assim de forma decisiva para a definição de uma região com inequívocas características próprias. Este território, situado na zona mais ocidental do Município Olisiponense – correspondente a grande parte dos atuais Concelhos de Sintra e de Mafra –, apresenta também uma unidade cultural, social e económica, de que a epigrafia recolhida é um bom testemunho (*id.*, 1982-83, p. 156).

A Romanização do território de Sintra

Os primeiros materiais arqueológicos de origem itálica surgem em *Olisipo* e no seu *ager*, onde se insere a atual região de Sintra, a partir do último terço do século II a.C., no contexto cronológico das já referidas manobras militares do exército comandado por *Decimus Iunius Brutus* (Pimenta, Ribera I Lacomba e Soria, 2018).

Desses mais antigos documentos destacaremos um fragmento anfórico recolhido no povoado de origem proto-histórica de Santa Eufémia, situado na vertente Este da serra (Marques, 1982-83, p. 70). E, sobretudo, a presença de uma característica cerâmica de mesa revestida com verniz negro (comumente designada “campaniense”), que foi identificada até ao presente em dez sítios arqueológicos de Sintra. Em São Miguel de Odrinhas, Granja dos Serrões, São Marcos e Casal de Colaride, peças daquele tipo foram recolhidas durante as escavações (Sousa, 1996; Coelho, 2005). Em Armês, Casal de Pianos-Pombal, Tojeira, Ermidas, Funchal e Lugar do Marcadour, tais materiais são provenientes de recolhas de superfície.

Nesta fase, que podemos designar como Romanização, assistimos aos primeiros contactos entre Roma e as variadíssimas populações autóctones dos vastos territórios que viriam a integrar o Império romano e a uma progressiva incorporação política, social e cultural destas últimas (Ribeiro, 1994, p. 91). Este processo estaria certamente concluído na região em estudo cerca de 30 a.C., quando é concedido a *Felicitas Iulia Olisipo* o privilegiado estatuto de Município de Direito Romano.

A partir daquele momento podemos afirmar que *Olisipo* e o seu *ager* entram numa nova fase, a Romanidade, aqui entendida como um período muito longo, que se prolonga mesmo para além da dissolução política do Império no século V d.C. e

Santuário imperial consagrado ao Sol, à Lua e ao Oceano

Nas raízes do *promunturium Magnum*, junto à foz do rio de Colares e numa pequena colina sobranceira ao oceano (no Alto da Vigia, junto à Praia das Maçãs), implanta-se o santuário imperial dedicado ao Sol, à Lua e ao Oceano, conferindo ao sítio as características de um verdadeiro *locus sacer*. O significativo conjunto de inscrições já aí recuperadas testemunha a realização de cultos oficiais naquele santuário durante pelo menos 150 anos consecutivos, desde cerca de 140 d.C. até finais do século III, período durante o qual as vivências religiosas, ideológicas e políticas se foram diferenciando e refletindo na diversidade das invocações registadas (Ribeiro, 2019). Ainda que a epígrafe gravada num lintel fragmentado, provavelmente de um templo erigido no local, possa fazer remontar a fundação do santuário à primeira metade do século I d.C., os altares mais antigos conservados são já datáveis da época de Adriano / Antonino Pio, e contêm invocações ao Sol e ao Oceano, assinalando o caráter de finisterra extremo daquele sítio no âmbito do *Orbis Romanus*.

No último terço do século II e inícios do III cul-

tuou-se o Sol e a Lua, pertencendo a esta fase uma raríssima ábula com inscrição em grego. A inesperada epígrafe dedicada “Ao Sol Poente e ao Oceano Pai”, datável do século III d.C., corresponde ao único altar conhecido em todo o Império com esta invocação. Do final da mesma centúria data uma outra ara colocada ao “Sol Invencível”. A assinalável importância deste lugar sagrado durante o Império Romano é confirmada pelo facto de todos os altares até agora conhecidos terem sido ofertados não por devotos privados, nem sequer por magistrados olisiponenses, mas exclusivamente por governadores da Lusitânia, ou seja, por notáveis das classes equestre e senatorial.

Na fase final deste santuário, já no Baixo-Império, depois de Constantino haver declarado o cristianismo como religião da Casa Imperial e devoção oficial do Império, os derradeiros cultos pagãos ali praticados terão sido exclusivamente realizados pelas elites locais, e já não pelos representantes do imperador. Pertence a esta fase uma pequena edícula votiva, utilizada entre o século IV e meados do V d.C.



FIG. 2

Perspetiva de uma pequena edícula do século IV d.C. no Santuário Romano dedicado ao Sol, à Lua e ao Oceano.

que, naturalmente, evolui ela própria e sofre mutações, resultado da prolongada convivência de um conjunto de populações heterogêneas e com diferentes origens num mesmo território.

A organização do território e a exploração dos recursos durante a Romanidade

A organização territorial nos inícios do Império implicou a construção de um conjunto de infraestruturas, sendo a rede viária um elemento essencial – que funcionou também como fator de difusão dos valores da romanidade na zona rural, uma vez que garante a fácil ligação entre a cidade e os seus campos. Na região de Sintra conservam-se vários troços e outros vestígios que integravam a rede viária complementar e secundária, de entre os quais destacamos a calçada e a ponte de origem romana sitas junto à Catribana (Assafora).

Como em muitas outras regiões, também na de Sintra a circulação de pessoas e de produtos não se fazia então exclusivamente por via terrestre, mas articulando as vias com os troços navegáveis de várias ribeiras e com o próprio oceano. Assim, é muito provável que o conjunto de pelo menos sete ânforas inteiras recuperado na área do Mucifal, junto a Colares (Pimenta, 1982-83), possa articular-se com a existência de um ancoradouro de época romana perto daquele local, ao qual se acederia através de um esteiro marítimo, hoje assoreado e integrado nos terrenos aluviais que precedem a foz do rio de Colares. Saliente-se que, neste contexto e apesar de contarmos apenas com informações parcelares e descontextualizadas, não podemos excluir que nas proximidades laborasse uma pequena unidade

de produção dos característicos preparados de salga de peixe (por exemplo *garum*), similarmente ao que provavelmente se passava em situação análoga identificada junto ao rio Lizandro, em Nossa Senhora do Ó da Carvoeira (Mafra).

Durante a Romanidade, a efetiva ocupação do território em análise é feita essencialmente através de estabelecimentos rurais vocacionados para a exploração agropecuária, um elemento essencial na economia desta região, assente nas culturas de cereais, de hortícolas e na criação de gado, complementadas com a produção de vinho e azeite. O conjunto de vários contrapesos de lagar paralelepípedicos e de uma característica mó estriada testemunham a frequente produção oleica na região de Sintra, embora provavelmente sobretudo num momento posterior ao século II d.C.

A recolha, em vários sítios arqueológicos, de pesos de tear, agulhas e cossoiros – todos elementos relacionados com a tecelagem – é testemunho desta outra importante atividade.

Como veremos à frente, a exploração de pedreiras assumiu igualmente um papel importante na economia desta região.

A informação de que dispomos atualmente acerca do tipo de estabelecimentos relacionados com a ocupação dos campos (*agri*) do Município Olisiponense é muito desigual. Na região de Sintra alguns sítios foram já escavados, enquanto outros – que correspondem à maioria – encontram-se referenciados apenas através de notícias antigas e de recolhas de superfície.

Apesar das limitações decorrentes da referida ausência de escavações, verificamos que naqueles sítios, atrás citados, onde foi identificada cerâmica de verniz negro de época romana republicana, se regista também uma

FIG. 3

Cabeça de estátua em mármore representando *Eros*, recolhida por Joaquim Fontes na *villa* de Currais do Chão, em Mem Martins, datável do século I d.C.





permanência vivencial durante os séculos subsequentes¹. Essa continuidade é perceptível, por exemplo, através da presença de cerâmica de mesa importada (*terra sigillata*), procedente das olarias de Itália, da Gália, de outras regiões da Hispânia e também do Norte de África, que abasteceram aqueles sítios entre os séculos I e V d.C. Àquelas evidências podemos, em alguns locais, adicionar a observação de grandes áreas de dispersão de cerâmica comum e a recolha de materiais de construção tipicamente romanos (tijolos, telhas, argamassas, elementos arquitetónicos ou fragmentos de mosaico), que denunciam importantes ocupações soterradas.

As villæ

A maior parte dos vestígios que refletem a intensa ocupação do território sintrense durante a Romanidade corresponde a explorações agrícolas do tipo *villa* – grandes propriedades fundiárias a partir de dada altura (séculos III-IV d.C.) com sumptuosos edifícios habitacionais, verdadeiras casas senhoriais (a *pars urbana*), mas que, a nível funcional, possuíam acima de tudo construções e equipamentos relacionados com as atividades produtivas (a *pars rustica* e a *pars fructuaria*). Outros locais, porém, correspondem por certo a estruturas agrícolas de menores dimensões, granjas e casais, geralmente dependentes de uma *villa*. Ainda que mais raros, registam-se ainda neste território evidências de alguns povoados de maiores dimensões urbanas, como veremos à frente.

A mão de obra necessária para garantir o funcionamento das grandes explorações era assegurada por escravos, libertos (antigos escravos que tinham alcançado um estatuto

intermédio entre o servo e o homem livre) e mesmo cidadãos assalariados, todos dependentes do senhor da *villa*, o *dominus*, o *pater familias* (Ribeiro, 1982-83, p. 157).

Da extensa lista de locais com vestígios de época romana em Sintra, destacam-se, em virtude das campanhas arqueológicas neles já realizadas, as *villæ* de São Miguel de Odrinhas (Almeida, 1958; Coelho, 2007), Santo André de Almoçageme (Sousa, 1992a), São Marcos (Coelho, 2005), Granja dos Serrões (Belchior, 1996), Casal do Rebolo (Gonçalves, 2011) e Telhal (Ferreira, 2009), situação que viabiliza, em certa medida, que possam ser utilizados como exemplos caracterizantes de um dos principais tipos de ocupação da zona ocidental dos campos olisiponenses.

Durante os séculos da Romanidade podemos considerar para esta região duas fases no que respeita àqueles grandes domínios. Num primeiro momento, entre as últimas décadas do século I a.C. e o século II d.C., assistimos a uma profunda reorganização do território, com o estabelecimento de grandes unidades agrícolas, as primeiras *villæ*. Corresponde a uma fase de grande vitalidade, de pujança económica e importância política da região, conforme se pode comprovar, entre outros aspetos, pela grande quantidade, diversidade e qualidade da epigrafia e dos monumentos funerários atribuíveis àquele período (Ribeiro, 1982-83, pp. 161-162). Pertence a esta época a cabeça de uma estátua de mármore, representando *Eros* (FIG. 3), recolhida na década de 1940 por Joaquim Fontes na *villa* de Currais do Chão, em Mem Martins (Gonçalves, 2007, p. 237).

Apesar do grande dinamismo verificado nos primeiros dois séculos da Era, as partes urbanas então construídas nas *villæ* correspondem, de um modo geral, a conjuntos

FIG. 4

Vista da abside e mosaico da *villa* de São Miguel de Odrinhas, século IV d.C.

arquitetónicos pouco imponentes, sobretudo quando comparados com aqueles que virão a ser edificados numa segunda fase, entre os séculos III e IV d.C. Note-se, no entanto, que as estruturas daquele primeiro momento da ocupação do território se encontram, de um modo geral, mal caracterizadas, circunstância diretamente relacionada com a grande diacronia de ocupação registada na maior parte dos sítios, o que quase sempre provoca a destruição das mais antigas edificações em favor das que se lhe sucedem.

De facto, ao longo de um período de cerca de cinco séculos, ou mais, as construções são naturalmente sujeitas a remodelações, ou mesmo a profundas transformações, práticas que assumem particular relevo a partir do fim do século III e IV d.C., fase durante a qual assistimos ao máximo esplendor arquitetónico nestas grandes casas senhoriais, reflexo da instalação nestes seus domínios dos grandes proprietários rurais – que constituem a elite da sociedade olisiponense –, que ora os preferem preterindo a *domus* citadina. Com efeito, são desta segunda fase a maior parte das estruturas cujas ruínas chegaram aos nossos dias.

Na região de Sintra, este fenómeno de reconversão arquitetónica das *villæ* manifesta-se de forma evidente em São Miguel de Odrinhas e Santo André de Almoçageme, sítios já suficientemente explorados para melhor os compreendermos e onde vemos surgir, nesta fase mais adiantada da Romanidade, edifícios com notória monumentalidade e aparato, e que são verdadeiras residências áulicas (FIG. 4).

Em São Miguel de Odrinhas, a presença entre o espólio das antigas escavações de quatro cerâmicas campanienses e de uma moeda de **Beuipo*² com legenda em caracteres pré-latinos (Ribeiro, 1982-83, p. 162), situam na segunda metade do século I a.C. o início da ocupação do local, cronologia reforçada por uma fíbula datável dos séculos II-I

a.C. também aí descoberta (Ponte, 1982-83, p. 109).

Como já referimos, uma profunda reestruturação das estruturas arquitetónicas daquela *villa* terá ocorrido entre o final do século III e o início do século IV d.C., altura em que é construída a abside ainda hoje visível e que se integrava numa monumental sala, na qual o *dominus* recebia os seus convidados de elite.

Da presente fase conservam-se ainda na *villa* de Odrinhas, em dois compartimentos contíguos, um mosaico *in situ* e vestígios de outro, tendo-se também recuperado na escavação da zona da abside dezenas de pequenos elementos de vidro de várias cores (tesselas) que, provavelmente, pertenciam a mosaicos parietais que se dilatariam ao teto abobadado (Caetano, 2008).

Em Santo André de Almoçageme, *villa* habitada desde meados do século I d.C., os trabalhos arqueológicos permitiram pôr a descoberto sobretudo vestígios das fases de ocupação do século III d.C. em diante (Sousa, 1992a; *id.*, 1992b). No local foi identificado o átrio da casa principal – onde se conserva ainda parte do tanque para recolha da água da chuva (*impluvium*) –, em redor do qual se distribuem várias salas, muitas delas – tal como o próprio átrio – com pavimentos de mosaicos policromos (Caetano, 1992; *id.*, 2011). A sudeste da *pars urbana* foram identificados vestígios de um forno e olaria de cerâmica de construção, designadamente de telhas curvas (*imbrices*), que integrava a *pars rustica* da *villa*. Aqui foram ainda descobertos dois enterramentos de recém-nascidos, acaso sepultados tardiamente, numa época em que as estruturas oficiais se encontrariam já fora de uso.

As duas *villæ* atrás referidas dão-nos fundamentalmente uma imagem do que seria a casa senhorial de um poderoso e influente *dominus*, com todos os confortos próprios da sua condição económica e estatuto sociopolítico.

As áreas destinadas às atividades de produção dos grandes latifúndios (*pars rustica* e *fructuaria*) encontram-se documentadas particularmente noutros sítios de Sintra.

Na Granja dos Serrões (Pêro Pinheiro), cuja ocupação terá inícios ainda no século I a.C. e se prolonga até à Antiguidade Tardia, as escavações revelaram vestígios relacionados com a *pars rustica* da *villa*, incluindo um grande corredor com acesso a vários compartimentos. Num deles foi recuperado um conjunto de ferramentas em ferro que poderão evidenciar a existência de uma zona relacionada com a produção das tesselas em calcário para construir mosaicos, atividade já antes suspeitada através da recolha à superfície do terreno de milhares de tesselas quase todas exclusivamente brancas e sem quaisquer vestígios de argamassa (Ribeiro, 1982-83, p. 399; Belchior, 1996).

No significativo conjunto epigráfico oriundo desta *villa* (o terceiro maior conjunto da zona ocidental dos *agri olisiponensis*, excluindo o do santuário da foz do rio de Colares), avulta a lacónica inscrição funerária de *Doreta*, filha de *Docquirus*³, porventura a mais antiga até hoje identificada em todo o território municipal de *Felicitas Iulia Olisipo* e datável ainda de meados do século I a.C. Esta cronologia aproxima-se do intervalo temporal definido para uma sepultura de incineração escavada nas proximidades da área habitacional (Gonçalves, 2013). Ambos estes dados reforçam o caráter antigo da ocupação do local. E a inscrição, quase só circunscrita a dois nomes pessoais indígenas, testemunha a precoce adoção dos hábitos romanos quanto ao uso da escrita latina e da prática epigráfica por parte de elementos populacionais caracteristicamente hispânicos.

As escavações no sítio arqueológico do Telhal (Mem-Martins) revelaram um conjunto de estruturas cujo aparelho construtivo exibia uma certa imponência, mas cuja funcionalidade concreta não foi ainda

possível de determinar. Apesar da referida imponência, é possível que tais estruturas digam respeito às atividades desenvolvidas na *pars rustica* de uma *villa*, continuadamente ocupada entre os séculos I-II d.C. e o século V, de acordo com a análise dos materiais exumados (Ferreira, 2009).

Em Colaride (Cacém) foi identificada a única pedreira romana já objeto de escavação (embora parcial) no Município Olisiponense e uma das raras conhecidas em Portugal. Esta exploração estaria associada a um habitat ocupado desde o século I a.C. até ao século V d.C. e serviria, presumivelmente, para prover às necessidades locais, já que se trata de simples pedra calcária, sem a qualidade exigida para uma utilização como elemento ornamental ou de suporte epigráfico (Coelho, 2002, p. 288). O seu funcionamento encontrar-se-ia assim, provavelmente, integrado no âmbito dos recursos de uma simples *villa*, destinando-se a sua produção sobretudo ao abastecimento da mesma.

Os trabalhos arqueológicos realizados em São Marcos permitiram identificar várias estruturas que estarão decerto relacionadas com os anexos agrícolas e as termas de uma *villa* que ocupa uma extensa área. Os materiais recuperados atestam a prévia existência, neste sítio, de um habitat indígena que vem a receber produtos romanos de época republicana, nos séculos II-I a.C. Posteriormente, talvez logo no séc. I d.C., erguem-se então as estruturas de uma exploração agrícola do tipo *villa*, com ocupação contínua até meados do século V d.C. (Coelho, 2005, p. 336).

Note-se que, integrado na parte habitacional, uma *villa* possui sempre um conjunto de equipamentos que permitem ao seu proprietário desfrutar em pleno campo de todos os confortos a que as elites estavam habituadas na vida urbana, designadamente os edifícios para banhos: as termas.

No Casal do Rebolo (Almargem do Bispo) as escavações permitiram identificar vários

compartimentos, incluindo um com vestígios das características estruturas de calefação sob o pavimento (hipocausto). Tal compartimento deveria, pois, pertencer às termas da *pars urbana* de uma *villa*, que revelou ter sido ocupada desde meados do século I d.C. até meados do século V.

Os hipocaustos registados em São Marcos e no Casal do Rebolo não constituem os únicos identificados em Sintra, uma vez que também nas Abóbadas (Vila Verde) foi identificada, nos inícios do século XX, parte de uma estrutura análoga, interpretada como pertencente à sala aquecida (*caldarium*) das termas de uma *villa* romana existente naquele local (Correia, 1914). Posteriormente, recolheram-se vários materiais quer à superfície, quer entre os restos então ainda visíveis daquelas estruturas termais.

A existência de áreas funerárias constitui também um elemento frequentemente documentado nas diretas proximidades das *villae*. A diversidade e qualidade de muitas das peças pertencentes a este outro tipo de realidade, descobertas um pouco por todo o Concelho de Sintra, permitem-nos fazer uma ideia aproximada da monumentalidade de algumas das sepulturas aqui construídas, refletindo uma vez mais a capacidade económica, e por vezes também o elevado estatuto social, de quem escolheu a sua propriedade rústica para se fazer sepultar.

Os componentes lapidares daqueles monumentos, porém, foram praticamente todos recuperados fora da sua localização original, reutilizados como simples material de construção em modernas edificações ou convertidos em objetos utilitários. Por conseguinte, em nenhuma das necrópoles até agora escavadas em Sintra se conservavam os epitáfios epigrafados *in situ*, apesar de em certos locais ser possível estabelecer alguma relação entre sepulturas e epigrafia.

Para além da Granja dos Serrões, de que já atrás se falou, esta articulação encontra-se

possivelmente também presente no Casal do Silvério, onde foram recuperados dois monumentos epigráficos de cariz funerário (uma estela de topo arredondado e uma cupa) que terão sido descobertos soterrados num terreno onde, mais tarde, viriam a ser escavados contextos sepulcrais que integravam várias urnas – contendo restos mortais incinerados – associadas aos alicerces de uma estrutura pétrea. A cronologia dos monumentos epigráficos e dos enterramentos coincidem: a necrópole foi utilizada em torno do século I e início do século II d.C. O sítio estaria relacionado com uma área habitacional, cuja localização exata, no entanto, não é ainda clara (Gonçalves, 2013).

Uma situação com algumas semelhanças poderá, talvez, verificar-se em Casal de Pianos, sítio localizado na plataforma de um pequeno planalto do litoral sintrense (a norte do Magoito), onde se reconheceu um conjunto diversificado de vestígios – que, designadamente, documentam uma intensa ocupação de toda a área desde o século I a.C. e durante toda a época romana –, entre os quais se contam vários monumentos funerários epigrafados datáveis dos séculos I e II d.C. Atente-se que naquela vasta área, na zona específica do Fetal, foi escavada parte de uma necrópole de incineração, em uso entre os séculos I e o III d.C., a qual estaria certamente relacionada com uma *villa* (Monteiro, 2003).

Conforme se viu, há em Sintra uma quantidade bastante significativa de sítios conhecidos apenas através de notícias antigas e de recolhas de materiais à superfície dos terrenos, sem ulterior escavação. Ainda que as informações assim obtidas naturalmente condicionem as conclusões que se possam retirar, verificamos que a simples observação de alguns conjuntos artefatuais permite, desde logo, definir um enquadramento cronológico para a utilização do espaço e, por vezes, avançar mesmo com uma

proposta para o tipo de ocupação, por exemplo enquanto local de habitação do tipo *villa* ou área funerária.

O caso de Armês – onde ainda não se realizaram escavações – é particularmente elucidativo, já que as recolhas de materiais efetuadas em vários terrenos, alguns próximos de uma emblemática fonte romana, testemunham uma significativa ocupação contínua entre o século I a.C. e meados do século V d.C. A presença de vários monumentos epigráficos alto-imperiais de cariz funerário indica a existência de uma necrópole em uso nos séculos I e II d.C., reforçando a importância daquela ocupação, que é coerente com a existência de uma *villa* soterrada naquele local – ou mesmo de um *vicus*⁴.

A fonte atrás referida, da qual permanece visível e ainda em utilização o respetivo tanque coberto, provido de uma inscrição monumental, foi mandada construir cerca de 20 d.C. por *Lucius Iulius Mælo Caudicus*. Este indivíduo, possivelmente nascido na *villa* da sua família na Granja dos Serrões, de acordo com a epigrafia recolhida neste outro sítio, é um exemplo da participação na vida pública por parte dos grandes proprietários rurais, donos de *villæ*, como seria o caso. Concomitantemente, o seu nome de origem indígena reflete a rápida e profunda integração das elites locais no mundo romano, neste caso através da participação no governo político de *Olisipo*, já que desempenhou os cargos de edil, questor, duúnviro e mesmo, mais tarde, de flâmine do Divino Augusto (Ribeiro, 1982-83). Este último cargo corresponde à magistratura mais elevada de âmbito municipal, neste caso exercido na *ciuitas* de *Felicitas Iulia Olisipo*.

Também no sítio das Ermidas (Assafora), através de simples recolhas de superfície, foi possível definir uma ocupação que remonta ao início da presença romana, no século II-I a.C. A área de dispersão de materiais e a sua tipologia são de novo compatíveis com a

existência de uma *villa*, que perdurará pelo menos até ao século V d.C.

Os vici

Para além dos estabelecimentos rurais, a dimensão e natureza do território olisiponense justificam a existência de outro tipo de aglomerados, ora de carácter urbano, os *vici*, frequentemente associados a atividades económicas de dimensão e importância públicas. Na região de Sintra um deles será *Chretina* ou *Aretina*, referido por Ptolomeu (*Geogr.* 2.5.6; Ribeiro, 2013). Um significativo conjunto de indícios, entre os quais se destaca a grande quantidade de vestígios epigráficos e de outros elementos lapidares de época romana e da Antiguidade Tardia, todos recuperados numa mesma zona, sugerem que o *vicus* referido pelo geógrafo grego se poderia situar sob a atual aldeia do Faião, próxima da *villa* de São Miguel de Odrinhas.

A existência de um aglomerado de cariz urbano naquela área estaria muito provavelmente relacionada com a exploração pública da valiosa pedra ornamental rósea das Lameiras e com o inerente funcionamento local de oficinas para produção de elementos escultóricos, arquitetónicos, e epigráficos, atividades que assumiram ali grande relevância em época romana e que terão sido mesmo um importante fator de desenvolvimento regional (*id.*, p. 358-362; Campos, 2018, p. 34-37).

Um outro possível *vicus* da região sintrense estaria relacionado com a exploração de pedras semipreciosas (granadas) no Monte Suímo, perto de Belas, atividade referida por Plínio na sua *Historia Naturalis* (37.97; Ribeiro, 1994, p. 82).

Na área da atual Vila de Sintra conhecem-se escassos vestígios de época romana que, no entanto, são compatíveis com a existência de um habitat neste sítio entre os séculos I e o V d.C. Os vários elementos disponíveis

apontam para um antigo povoado proto-histórico oportunamente romanizado. O registo de dois elementos lapidares funerários naquela área (uma inscrição e um capeamento) sugere ainda o traçado de uma antiga via de acesso, bem como a localização de uma necrópole a ela associada (Ribeiro, 1996a, p. 251-254).

De certa forma também relacionados com a exploração dos recursos naturais da zona ocidental do *ager* olisiponense, queremos ainda referir os vestígios da barragem romana que garantiu o fundamental abastecimento da grande cidade deste território municipal, *Olisipo*, pelo menos a partir do século III d.C. De facto, é ainda hoje possível observar uma secção do imponente paredão com contrafortes que fechava a albufeira, e também vestígios do aqueduto que conduzia a água à *urbs* – a maior parte destes identificados já na área do atual concelho da Amadora.

A Antiguidade Tardia e o fim da Romanidade em Sintra

A partir de meados do século V d.C. assistimos a profundas transformações no mundo romano que conduzem à sua desagregação política. Este período é marcado por uma progressiva transformação dos modos de viver, com reflexos na organização do território e exploração dos seus recursos, a que não é alheia a fixação de “povos bárbaros” dentro das fronteiras do Império. Esta etapa da Antiguidade Tardia, que segundo os conceitos da historiografia tradicional estabelece o fim da Romanidade e a progressiva entrada na Idade Média, é ainda marcada pela generalização do triunfo do cristianismo como religião única e pelo papel relevante que a rede episcopal da Igreja vai assumir perante a falência das antigas estruturas administrativas romanas.

É nesta conjuntura que vemos serem reutilizados os edifícios romanos, por vezes já parcialmente em ruínas, com frequência alterando-lhes a funcionalidade. Na grande casa senhorial da *villa* de Santo André de Almoçageme, numa imponente sala de recepção, vemos agora surgir uma parede irregular, cuja construção originou a destruição parcial do antigo pavimento de mosaico daquele compartimento. Outros vestígios naquele sítio testemunham a modificação dos espaços para criar novas habitações, de características mais rudimentares, bastante diferenciadas da ocupação anterior.

Para além das transformações registadas ao nível da adaptação de estruturas habitacionais, nesta fase mais tardia constata-se igualmente o aproveitamento de alguns edifícios romanos para atividades produtivas e de armazenamento, sendo agora frequente a prática de estruturas escavadas no solo (silos para contenção de alimentos), por vezes já em época medieval islâmica. Esta situação verifica-se no Telhal (onde foi também escavada uma necrópole de rito islâmico); e, provavelmente, também em Santo André, ainda que neste último caso sejam necessários novos trabalhos de campo para confirmar a cronologia de certos vestígios já identificados.

Tolerado como religião dentro do Império romano no início do século IV – ou seja, na geração anterior à de *Potamius*, primeiro bispo conhecido da diocese olisiponense –, o cristianismo expande-se de forma lenta sobre o espaço rural, onde se encontram as elites mais conservadoras, generalizando-se no território de *Olisipo* durante o século VI.

É já neste novo contexto que, numa época difícil de precisar entre finais do século VII e inícios do século X, é edificada no Faião uma igreja consagrada a Santa Maria, da qual se recuperaram até ao presente seis lintéis decorados e epigrafados (Ribeiro, 1994, p. 88).

Quanto à *villa* de São Miguel de Odrinhas, debate-se ainda a possibilidade de algumas

estruturas mais imponentes da casa romana terem sido transformadas em local de culto nesta fase precoce da implantação regional do cristianismo.

Também sob a ermida quinhentista de São Mamede de Janas subsistem vestígios de duas igrejas anteriores, a primeira das quais sensivelmente contemporânea da de Faião. Dela subsiste, nomeadamente, um lintel decorado ora conservado no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. Por sua vez, manuscritos oitocentistas revelam a permanência de um lintel epigrafado daquela mesma época em Montelavar, hoje desaparecido.

À nova religião está associada uma mudança no sistema de valores, que se reflete, por exemplo, na ausência de separação simbólica e real entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, contrariamente ao que se passava em plena Romanidade. Com efeito, vemos agora surgir na Granja dos Serrões uma necrópole de inumação parcialmente construída sobre os alicerces das paredes da *villa*. Apenas trabalhos arqueológicos futuros poderão determinar com exatidão se aquelas sepulturas estarão associadas a um templo cristão, como parece acontecer atendendo à presença de alguns troços de muros contemporâneos dos enterramentos.

Conforme se viu, a Antiguidade Tardia marca a lenta transição para uma nova organização da sociedade e dos campos, com o abandono de numerosos sítios romanos em meio rural; ainda que em alguns deles se mantenha uma ocupação, embora alterada relativamente à sua funcionalidade original. No Faião perdura ainda hoje uma aldeia, edificada sobre os vestígios do provável *vicus* romano. Sobre as ruínas da *villa* de São Miguel de Odrinhas é construída, em época medieval portuguesa, uma igreja que se mantém ainda ao culto. E o pequeno povoado proto-histórico romanizado que se erguia nas abas da serra deu lugar à *Xentria* muçulmana, atual Vila de Sintra.

Notas

¹ A boa qualidade agrícola dos solos estará certamente ligada à longa ocupação evidenciada nesses sítios. Aliás, em muitos deles registaram-se também já ocupações pré-históricas do 3.º Milénio a.C., como em São Miguel de Odrinhas, Casal do Rebolo ou Santo André de Almoçageme.

² A presença desta moeda, com cronologia mais recuada que a da cerâmica campaniense, pode justificar-se pelo seu valor simbólico em época posterior à da cunhagem e normal circulação. Ainda assim, a sua presença reforça a antiguidade da ocupação do local.

³ Peça em exposição no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.

⁴ Sobre este outro tipo de habitat veja-se o capítulo seguinte.

Referências

Fontes Impressas

- Gasco, A. C. (1924) – *Primeira parte das antiguidades da muy nobre cidade de Lisboa Imporio do Mundo e Princeza do Mar Oceano* (Sep. de Inéditos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Holanda, F. de [1571] 1984 - *Da Fabrica que Falece à Cidade de Lisboa*. Introdução, notas e comentários de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte.

Estudos

- Abade, P. E. Angejo (2017) – *A cerâmica de paredes finas do Castelo de Castro Marim*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [Policopiado].
- Acero Pérez, J. (2019) - O ciclo urbano da água no Portugal romano. *Anais Leirienses: estudos & documentos*. Leiria: Hora de Ler. 4, p. 137-168.
- Alarcão, J. de (1987) – Traços essenciais da geografia política e económica do vale do Tejo na época romana. In Silva, C., coord. - *Arqueologia no Vale do Tejo*. Lisboa: IPPC, p. 55-58.
- Alarcão, J. (1988a) – *O domínio Romano em Portugal*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Alarcão, J. (1988b) - *Roman Portugal*. II: Gazetteer. 2: Lisboa e Coimbra. England. Warminster: Aris and Phillips.
- Alarcão, J. (1990) – O domínio Romano. In Serrão, J.; Oliveira Marques, A. H., dir. - *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, p. 342-441.
- Alarcão, J. (1994) - Lisboa romana e visigótica. In D'Intino, R., coord. - *Lisboa Subterrânea* (Catálogo da exposição). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Electa – Lisboa 94, p. 58-63.
- Alarcão, J. (2002) – *Scallabis* e o seu território. In Arruda, A. M.; Viegas, C.; Almeida, M. J., coords. - *De Scallabis a Santarém* (Catálogo da exposição). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 37-46.
- Alarcão, J. (2018) – *A Lusitânia e a Galécia do séc. II A.C. ao séc. VI d.C.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Alexander, M. A.; Ben Abed, A.; Besrour, S.; Ben Mansour; Soren, D. (1980) – *Corpus des Mosaiques de Tunisie*. Tunis: Institut National d'Archéologie et d'Art. II: 1.
- Almeida, F. de (1958) – Escavações em Odrinhas. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa: Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos. 39, p. 11-25.
- Almeida, F. de (1969) – Sobre a barragem romana de *Olisipo* e seu aqueduto. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. 3.ª série. 3, p. 179-189.
- Almeida, N. J. (2017) – Zooarqueologia e Tafonomia da transição para a agro-pastorícia no Baixo e Médio Vale do Tejo (Arkeos; 44). Mação: Instituto Terra e Memória.
- Alvarez Martínez, J. M. (1990) – *Mosaicos Romanos de Merida. Nuevos Hallazgos* (Monografías Emeritenses; 4). Merida: Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos.
- Amaro, C.; Caetano, M. T. (1993-1994) – Breve nota sobre o complexo romano da Rua Augusta (Lisboa). *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. XXXII-XXXIII, pp 283-294,
- Angiolillo, S. (1981) – *Mosaici antichi in Italia. Sardinia*. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche.
- Arruda, A. M. (1999-2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el Centro y Sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)* (Cuadernos de Arqueología Mediterránea; 5-6). Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- Arruda, A. M. (2005) – Orientalizante e pós-orientalizante no sudoeste peninsular: geografia e cronologias. In Celestino Pérez, S.; Jiménez Ávila, J., eds. - *Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; XXXV). Mérida: Instituto de Arqueología (CSIC, Junta de Extremadura, Consorcio de Mérida). I, p. 277-303.
- Arruda, A. M.; Pereira, C.; Pimenta, J.; Sousa, E.; Gomes, J.; Detry, C. (2018) – Chões de Alpompe (Vale de Figueira, Santarém): lendas e narrativas. *Spal – Revista de Prehistoria y Arqueologia*. Sevilla: Universidad de Sevilla. 27.2, p. 201-227.
- Arruda, A. M.; Pereira, C.; Pimenta, J.; Sousa, E.; Mendes, H.; Soares, R. (2016) – As contas de vidro do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). *Cadernos de Prehistoria y Arqueología*. Madrid: CuPAUM - Universidad Autónoma de Madrid. 42, p. 79-101.
- Arruda, A. M.; Sousa, E. (2015) – Late Bronze Age in Alcáçova de Santarém (Portugal). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid: CSIC - Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 72-1, p. 176-187.

- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Barradas, E.; Batata, C.; Detry, C.; Soares, R. (2017a) – O Cabeço Guião (Cartaxo – Portugal): um sítio da Idade do Ferro do Vale do Tejo. In Celestino Pérez, S.; Rodríguez González, E., eds. - *Territorios comparados: los vales del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica*. Madrid: CSIC - Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 319-361.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Dorado, A. (2019) – As cerâmicas pintadas da Idade do Ferro na foz do Tejo. In Rodríguez González, E.; Celestino Pérez, S., eds. - *Las cerámicas a mano pintadas postcocción de la península ibérica durante la transición entre el Bronce Final y la I Edad del Hierro*. Mérida: CSIC - Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Junta de Extremadura e Instituto de Arqueología, p. 131-144.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Pimenta, J.; Mendes, H.; Soares, R. (2014) - Alto do Castelo's Iron Age occupation (Alpiarça, Portugal). *Zephyrus*. Salamanca: Universidad de Salamanca. 74, p. 143-155.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Pimenta, J.; Soares, R.; Mendes, H. (2017b) – Fenícios e Indígenas em contacto no Estuário do Tejo. *Ophiussa*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. 1, p. 79-90.
- Arruda, A.; Viegas, C. (2015) – Santarém durante a época romano-republicana. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 242-255.
- Aubert, M. E. (1987) - *Tiro y las colonias fenicias de occidente*. Barcelona: Bellaterra.
- Balmelle, C. (1980) – *Recueil Général des Mosaïques de la Gaule: IV - Province d' Aquitaine. 1. Partie méridionale (Piémont pyrénéen)*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique.
- Balmelle, C.; Blanchard-Lemée, M.; Cristophe, J.; Darnon, J.-P.; Guimier-Sorbets, A.-M.; Lavagne, H.; Prudhomme, R.; Stern, H. (1985) – *Le Décor Géométrique de la Mosaïque Romaine: Répertoire Graphique et Descriptif des Compositions Linéaires et Isotropes*. Paris: PICARD.
- Barbosa, R.; Encarnação, G.; Granja, R.; Dias, V. (2016) – *Moinho do Castelinho. Trabalhos arqueológicos realizados entre 2011 e 2015*. Amadora: ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora.
- Barros, L., Soares, A. M. (2004) – Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz, no estuário do Tejo (Almada, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série 4. 22, p. 333-352.
- Batalha, L.; Caninas, J. C.; Cardoso, G.; Monteiro, M. (2009) – *A Villa Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira) trabalhos arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra da EPAL – Empresa Portuguesa de Águas Livres S.A.*. Lisboa: EPAL / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- Batalha, L.; Cardoso, G. (2020) – Fragmento de Ânfora Africana / Keay 6-7 do Vale de Alcântara (Lisboa). *Al-madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 23: 1, p. 162. Disponível em WWW: (URL: <https://issuu.com/almadan/docs/ao23-1/162>).
- Batalha, L.; Monteiro, M.; Cardoso, G. (2020) – Estruturas romanas de Carnide – Lisboa. In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A., eds. - *Atas do III Congresso da Associação de Arqueólogos Portugueses: Arqueologia em Portugal. 2020 – Estado da Questão. 19 a 22 de novembro de 2020. Faculdade de Letras da Universidade do Porto* [em linha]. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses / CIT-CEM, p. 1335-1345. Disponível em WWW: (URL: [Actas_iicaap_completo.pdf](https://actas_iicaap_completo.pdf) (museuarqueologiacodocarmo.pt))
- Becatti, G. (1961) – *Scavi di Ostia. Mosaici e Pavimenti Marmorei*. Roma: Istituto Poligrafico dello Stato, Libreria dello Stato, IV (2 tomos).
- Belchior, C. (1996) – *A segunda intervenção arqueológica na Granja dos Serrões – 1995 (Concelho de Sintra). Relatório de escavação* [Policopiado].
- Belo, A. R. (1952-1959) – Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo. *Badaladas*. Torres Vedras: Fábrica da Igreja Paroquial de São Pedro e Santiago. I-XLVI, 01.02.1952-15.09.1959.
- Belo, A. R. (1959) - Nótula sobre quatro lucernas romanas de barro, inéditas. *Boletim da Junta de Província da Estremadura*. Lisboa: Junta de Província da Estremadura. 2.^a Série. 50-52, p. 97-112.
- Blake, M. E. (1930) – The pavements of the Roman buildings of the Republic and early Empire. *Memoirs of the American Academy in Rome*. Bergamo: American Academy in Rome e Istituto Italiano d'Arti Grafiche, VIII.
- Blake, M. E. (1936) – Roman Mosaics of the Second Century in Italy. *Memoirs of the American Academy in Rome*. Bergamo: American Academy in Rome e Istituto Italiano d'Arti Grafiche, XIII.
- Blake, M. E. (1940) – Mosaics of the Late Empire in Rome and Vicinity. *Memoirs of the American Academy in Rome*. New York: American Academy in Rome, XVII.
- Blanco Freijeiro, A. (1978) – *Corpus de Mosaicos Romanos de España I: Mosaicos Romanos de Mérida*. Madrid: Instituto Español de Arqueología 'Rodrigo Caro'.
- Blázquez Martínez, J. M. (1981) – *Corpus de Mosaicos de España III: Mosaicos romanos de Córdoba, Jaén, y Málaga*. Madrid: Instituto Español de Arqueología 'Rodrigo Caro'.

- Blázquez Martínez, J. M. (1982) – *Corpus de Mosaicos de España IV*. Madrid: Instituto Español de Arqueología ‘Rodrigo Caro’.
- Blázquez Martínez, J. M. (1990) – *Aportaciones al estudio de la España Romana em el Bajo Imperio*. Madrid: Akal.
- Blázquez Martínez, J. M. (1993) – *Mosaicos Romanos de España*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Blázquez Martínez, J. M. (1994) – Mosaicos de Boca do Rio y Abicada (Lusitania). In *Fifth International Colloquium on Ancient Mosaics. Bath, on September 5-12, 1987* (Journal of Roman Archeology; I). Michigan: Cushig-Malloy Inc, p. 187-198.
- Blázquez Martínez, J. M.; López Monteagudo, G.; Mañanes, T.; Fernandez Ochoa, T. (1993) – *Corpus de Mosaicos de España X: Mosaicos Romanos de Leon y Asturias*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Blázquez Martínez, J. M.; Mezquiriz, M. A. [con la colaboracion de Neira, M. L; Nieto, M.] (1985) – *Corpus de Mosaicos de España VII: Mosaicos Romanos de Navarra*. Madrid: Instituto Español de Arqueología del Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Blázquez Martínez, J. M.; Ortego, T. (1983) – *Corpus de Mosaicos de España VI*. Madrid: Instituto Español de Arqueología ‘Rodrigo Caro’/ Instituto Español de Arqueología ‘Rodrigo Caro’.
- Borges, M. F. (1986) – *Mosaicos Luso-Romanos em Zona de Influência de Olissipo e Colipo*. Dissertação Final de Mestrado em História da Arte Apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2 vols. [Policopiado].
- Bugalhão, J. (2001) – *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros* (Trabalhos de Arqueologia; 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Bustamante-Álvarez, M. (2016) – *El tratamiento textil en Augusta Emerita. Instalaciones artesanales* (Cuadernos Emeritenses; 42). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, Asociación de Amigos del Museo, Fundación de Estudios Romanos.
- Caetano, M. T. (1992) – Primeira notícia sumária acerca dos mosaicos da villa romana de Santo André de Almoçageme (Sintra): o pavimento descoberto em 1905. In Ponte, S. da; Ventura, A. M.; Miranda J., coords. - *Actas do Seminário: O Espaço Rural na Lusitânia – Tomar e o seu Território*. Tomar: Centro de Estudos de Arte e Arqueologia, p. 93-102.
- Caetano, M. T. (2001) – Mosaicos romanos de Lisboa. I – A “Baixa Pombalina”. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. XL, p. 65-82.
- Caetano, M. T. (2006) – Mosaicos de *Felicitas Iulia Olisipo* e do seu Ager. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2, p. 23-35.
- Caetano, M. T. (2008) – Mosaicos da villa romana de São Miguel de Odrinhas: contributos para uma nova leitura. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 6, p. 43-59.
- Caetano, T. (2011) – Mosaicos da Finisterra Ocidental: a Villa de Santo André de Almoçageme. In *O mosaico romano nos centros e nas periferias: originalidades, influências e identidades. X Colóquio Internacional da Associação Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo. Conímbriga, 29 de outubro - 3 de novembro 2005*. Conímbriga: Instituto dos Museus e Conservação / Museu Monográfico, p. 873-887.
- Caetano, M. T. (2014) – A “proto-indústria” do mosaico romano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 17, p. 207-219.
- Calado, M.; Almeida, L.; Leitão, V.; Leitão, M. (2013) – Cronologias absolutas para a I Idade do Ferro em Olisipo – O exemplo de uma ocupação em ambiente cársico na actual Rua da Judiaria em Alfama. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 2, p. 118-132.
- Calais, C. (1993-94) – Povos (Escola-Velha) – Vila Franca de Xira. Relatório dos trabalhos arqueológicos de campo (1990). *Cira Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 6, p. 50-62.
- Calais, C. (1995-97) – Outeiro de Povos – Resultado preliminar das primeiras intervenções arqueológicas. *Cira Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 7, p. 47-74.
- Campos Carrasco, J. M.; Fernández Ugalde, A.; García Dils, S.; Gómez Rodríguez, Á.; Lancha, J.; Oliveira, C.; Rueda Roigé, J. F. de; Vidal Teruel, N. de la O. (2008) – *A Rota do Mosaico Romano – O Sul da Hispânia (Andaluzia e Algarve): cidades e villae notáveis da Bética e Lusitânia romanas*. Equipa MOSUDHIS (Interreg IIIA), Universidades do Algarve e de Huelva. Museu Histórico-Municipal de Écija. Equipa luso-francesa ‘Mosaicos do sul de Portugal’. Lisboa: SIG – Sociedade Industrial Gráfica.
- Campos, R. (2018) – *Ilurbeda: a ara do Faião* (Sintra, Portugal). *Palaeohispanica*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico. 18, p. 25-40.
- Carandini, A. (1975) – A propos des céramiques de Conimbriga. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. XIV, p. 69.

- Cardoso, G. (1987) – Quadrante Solar Romano de Freiria (S. Domingos de Rana). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. 4.ª série. 5, p. 219-224.
- Cardoso, G. (2002) – *Aspectos da Romanização do Ager Olisiponensis*. Trabajo de Investigación de Tercer Ciclo. Cáceres: Departamento de Historia de la Universidad de Extremadura [Policopiado].
- Cardoso, G. (2014) - Duas fortificações do final da Idade do Ferro/ início da romanização: São Salvador (Cadaval) e sítio do Castelo (Arruda dos Vinhos). In Fabião, C.; Pimenta, J., eds. - *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo* (Cira Arqueologia; 3). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 200-241.
- Cardoso, G. (2018a) – A circulação de bens entre *Olisipo* e o seu *ager*, à luz do material anfórico e da “indústria” de tinturaria. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., eds. - *Fragments de Arqueologia de Lisboa 2: Meios vias e trajetos... entrar e sair de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/ Direção Municipal de Cultura/ Departamento de Património Cultural/ Centro de Arqueologia de Lisboa - Sociedade de Geografia de Lisboa/ Secção de Arqueologia, p. 121-134.
- Cardoso, G. (2018b) – *Villa Romana de Freiria, Estudo Arqueológico*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- Cardoso, G. (2018c) – As necrópoles romanas/visigóticas de Miroiço e Alcoitão (Cascais). *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. LVII, p. 169-216.
- Cardoso, G.; Amaro, C.; Batalha, L. (2018) - O Sítio Arqueológico do Alto da Casa Branca (Tapada da Ajuda, Lisboa). *Al-madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 22: 1, p. 35-40. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/al-madan/docs/al-madanonline22_1/35).
- Cardoso, G.; Batalha, L. (2018) – As cerâmicas alto medievais das *villæ* do *ager* ocidental de *Olisipo* – Lusitânia. In Martin Viso, I.; Fuentes Melgar, P.; Sastre Blanco, J. C.; Catalán Ramos, R., coords. - *Actas do Congreso Internacional de Cerámicas Altomedievales en Hispania y su Entorno (S. V-VIII d.C.)*. Zamora. Glyphos: Valladolid, p. 135-164.
- Cardoso, G.; Batalha, L.; Monteiro, M. (2009) – A *Villa* Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo: do Romano ao Medieval Islâmico. In Batalha, L.; Cardoso, G.; Caninas, J. C.; Monteiro, M., coords. - *A Villa Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira) trabalhos Arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra da EPAL*. Lisboa: Edição de EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres S.A..
- Cardoso, G.; Cardoso, J. L. (2005) – A ocupação agrária do concelho de Oeiras na época romana. In Boiça, J., coord. - *Actas do VI Encontro de História Local do concelho de Oeiras: História, Espaço e Património Rural*. Biblioteca Municipal de Oeiras. 13 a 15 de Novembro de 2003. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 41-55.
- Cardoso, G.; Encarnação, J. d' (1986) – *Cascais no tempo dos romanos*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- Cardoso, G.; Encarnação, J. d' (1987) - *Villa romana de Freiria: 2.ª campanha. Informação Arqueológica*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural. 8, p. 43-45.
- Cardoso, G., Encarnação, J. d' (1999) – Economia agrícola da região de *Olisipo*. O exemplo do lagar de azeite da *villa* romana de Freiria. In Gorges, J-G.; Rodríguez Martín, F. G., eds. - *Économie et Territoire en Lusitanie Romaine*. Madrid: Casa de Velázquez, p. 391-401.
- Cardoso, G.; Encarnação, J. d' (2005) – *A Presença Romana em Cascais Um Território da Lusitânia Ocidental* (Catálogo da exposição). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- Cardoso, G.; Encarnação, J. d' (2010) - Arruda dos Vinhos – Uma Rota Privilegiada. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa. Série 4. 95: 2, p. 89-110.
- Cardoso, G.; Encarnação, J. (2013) - O povoamento pré-romano de Freiria – Cascais. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 2, p. 133-180.
- Cardoso, G.; Encarnação, J.; Luna, I. (2001) – Estela das Ferrarias (Torres Vedras) (Conventus Scallabitanus). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 68, inscrição n.º 307.
- Cardoso, G.; Gonzalez, A. (2008) – Novos dados sobre Arruda dos Vinhos na Idade do Ferro. In *Atas do I Seminário do Património da Região Oeste – 2006*. Arruda dos Vinhos: Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, p. 127-133.
- Cardoso, G.; Luna, I. (2005) – Últimos dados sobre a romanização no concelho de Torres Vedras. In *Actas do Congresso A Presença Romana na Região Oeste*. Bombarral: Câmara Municipal do Bombarral, p. 65-83.
- Cardoso, J. L. (1996) – O final da Idade do Ferro no concelho de Oeiras: um contributo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 6, p. 361-365.
- Cardoso, J. L. (2000) – *Sítios, pedras e homens. Trinta anos de Arqueologia em Oeiras*. (Estudos Arqueológicos de Oeiras; 9). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

- Cardoso, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos Finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de história regional*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- Cardoso, J. L. (2011) – *Arqueologia do Concelho de Oeiras. Do Paleolítico Inferior arcaico ao século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- Cardoso, J. L. (2015) – Between the Atlantic and the Mediterranean: the Late Bronze Age around the Tagus estuary (Portugal). Economic, social and cultural aspects. *Rivista di Scienze Preistoriche*. Florença: Istituto Italiano di Preistoria e Protostoria. LXV, p. 149-170.
- Cardoso, J. L.; André, M. C. (1997/1998) – Acerca de uma tigela de *Terra Sigillata* Clara da Necrópole de Sol Avesso, Porto Salvo (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 7, p. 219-22.
- Cardoso, J. L.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Rego, M. (2014) – Outurela I e Outurela II, dois pequenos sítios da Idade do Ferro a norte do estuário do Tejo (Concelho de Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 21, p. 393-428.
- Cardoso, J. L.; Cardoso, G. (1993) – *Carta arqueológica do concelho de Oeiras* (Estudos Arqueológicos de Oeiras; 4). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Martins, F. (2018) – Oeiras na Antiguidade Tardia: Alguns materiais recolhidos nas escavações arqueológicas realizadas na rua Marquês de Pombal, 3-7 (Centro Histórico de Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 24, p. 471-482.
- Cardoso, J. L.; Carreira, J. R. (1996) – A necrópole tardo-romana e alto-medieval de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 6, p. 407-417.
- Cardoso, J. L.; Silva, C. T. (2012) – O casal agrícola de Gamelas 3 (Oeiras). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série V. 2, p. 355-393.
- Cardoso, J. L.; Silva, C. T.; Martins, F.; André, M. C. (2010/2011a) – O casal agrícola da I Idade do Ferro de Leão (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 18, p. 75-102.
- Cardoso, J. L.; Silva, C. T.; Martins, F.; André, M. C. (2010/2011b) – O Estabelecimento rural romano tardo-republicano e alto-imperial de Leão (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 18, p. 103-146.
- Castelo Branco, A.; Ferreira, O. V. (1971) – Novos trabalhos na estação Lusitano-romana da Areia (Guincho). *Boletim do Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. 2, p. 69-83.
- Clemente Conte, I.; Mazzucco, N.; Soares, J. (2014) – Instrumentos para siega y procesado de plantas desde el Calcolítico al Bronce antiguo de Chibanes (Palmela, Portugal). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid: CSIC – Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 71: 2, p. 330-342.
- Coelho, A. S. (1982) – *Subsídios para a História da Amadora*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Coelho, C. (2002) – Estudo preliminar da pedreira romana e outros vestígios identificados no sítio arqueológico de Colaride. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 5: 2, p. 277-323.
- Coelho, C. (2005) – O sítio arqueológico de São Marcos (Sintra): criação de uma reserva arqueológica. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 8: 2, p. 335-362.
- Coelho, C. (2007) – Ruínas arqueológicas de São Miguel de Odrinhas: a propósito da campanha de 1997. *Arqueologia e História: Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 58/59, p. 119-142.
- Coelho, M. D. (2014) – A fauna malacológica da ocupação calcolítica do Castro de Chibanes. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) / Assembleia Distrital de Setúbal (ADS). 15, p. 181-200.
- Conejo Delgado, N. (2019) – Moneta in rure: usos y formas de la moneda romana en el *ager* de *Olissipo* (Lisboa, Portugal). *Espacio, Tiempo y Forma: Prehistoria y Arqueologia*. Madrid: UNED - Facultad de Geografía e Historia. Serie I. 12, p. 117-150.
- Correia, L. N. (2005) – *Decoração Vegetalista nos Mosaicos Portugueses*. Lisboa: Edições Colibri, Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Correia, V. (1913) – Antiguidades de Armez (Concelho de Cintra). *O Archeologo Português*. Lisboa: Imprensa Nacional. XVIII (Janeiro-Dezembro), p. 169-174.
- Correia, V. (1914) – No Concelho de Sintra: escavações e excursões. *O Archeologo Português*. Lisboa: Imprensa Nacional. XIX, p. 200-216.
- Correia, V. (1928) – O Domínio Romano. In Peres, D. A., dir. - *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora. I, p. 217-290.
- Correia, V. (1972) – *Obras (IV): Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Cortez, F. R. (1947) – Mosaicos romanos da Estremadura (II). *Boletim da Junta de Província da Estremadura*. Lisboa: Junta de Província da Estremadura. Série II. XIV, p. 55-71.
- Costa, A. I. M. da (1908) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Idade Eo-metálica (ou do

- cobre ou bronze primitivos). *O Archeologo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. 1.^a Série. 13, p. 270-283.
- Costa, A. I. M. da (1910) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Idades do Bronze e do Ferro no Castro de Chibanes. *O Archeologo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. 1.^a Série. 15, p. 55-83.
- Costa, C. (2005) – *Relatório Final do Acompanhamento Arqueológico Autoestrada n.º 10 (Bucelas/Carregado A1, sublanço Arruda dos Vinhos/Carregado A1, trecho 1- Arruda dos Vinhos / IC11 Viaduto sobre a Ribeira da Laje e Rio Grande da Pipa), de 17 de Agosto de 2004 a 29 de Julho de 2005*. Lisboa: IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico | Direção-Geral do Património Cultural.
- Costa, M. L. V. (1983-1985) – Contribuição para o estudo de alguns dos mosaicos da *villa* romana de “Pisões”. *Arquivo de Beja*. Beja: Câmara Municipal de Beja. 2.^a Série. II, p. 95-135.
- Coutinho, H. M. (1997) – *Terra Sigillata Clara do Montinho das Laranjeiras (Alcoutim) 1990 e 1991*. Alcoutim: Câmara Municipal de Alcoutim.
- Cravinho, G.; Encarnação, G.; Dias, V. (2017) – Uma Peça Glíptica proveniente do Sítio Arqueológico do Moinho do Castelinho (Amadora). *Al-madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 21: 2, p. 28-32. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/almadan/docs/al-madanonline21_2).
- Davis, S. J. M. (2006) - *Faunal remains from Alcáçova de Santarém (Portugal)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Davis, S. J. M. (2007) - *Mammal and bird remains from the Iron Age and Roman periods at Castro Marim, Algarve* (Trabalhos do CIPA; 107). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Davis, S. J. M.; Vilhena, J. (2017) - Animal remains from Iron Age and Roman Odemira, Portugal. *Archaeofauna: International Journal of archaeozoology*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid. 26, p. 199-217.
- Detry, C.; Arruda, A.M. (2013) - A fauna da Idade do Ferro e Época romana de Monte Molião (Lagos, Algarve): continuidades e rupturas na dieta alimentar. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 16, p. 213-226.
- Detry, C.; Silva, C.T. (2016) - Estudo zooarqueológico dos restos recuperados no estabelecimento industrial romano do Creiro (Arrábida, Setúbal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 19, p. 235-248.
- Detry, C.; Silva, C.T.; Soares, J. (2017) - Estudo zooarqueológico da ocupação romano-republicana do Castro de Chibanes (Palmela). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 20, p. 113-127.
- Dias, M. M. A.; Gaspar, C. I. S. (2006) – *Catálogo das inscrições Paleocristãs do Território Português*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, p. 234-238.
- Dias, V.; Encarnação, G. (no prelo) – A Necrópole Romana do Moinho do Castelinho, Amadora (Portugal). In *Actas da Reunión de Arqueología Madrileña*. Madrid: Colégio de Arqueólogos de Madrid.
- Encarnação, G. (1997) – *Aqueduto Romano da Amadora. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados entre 16/7/97 e 25/7/97. Proposta de preservação*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Encarnação, G. (2001) – *Aqueduto Romano da Amadora. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados em Abril de 2001. Proposta de preservação*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Encarnação, G. (2012) – *Moinho do Castelinho. Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados entre 13 de Outubro de 2011 e 20 de Janeiro de 2012*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Encarnação, G. (2013) – *Moinho do Castelinho. Relatório dos trabalhos arqueológicos efetuados entre 2 e 26 de julho de 2012*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Encarnação, G. (2014) – *Moinho do Castelinho. Relatório dos trabalhos arqueológicos efetuados entre 1 de julho e 4 de novembro de 2013*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Encarnação, G. (2015) – *Moinho do Castelinho. Relatório dos trabalhos arqueológicos efetuados entre 17 de junho e 28 de outubro de 2014*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Encarnação, G. (2016) – *Moinho do Castelinho. Relatório dos trabalhos arqueológicos efetuados entre 13 de junho e 17 de novembro de 2015*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Encarnação, G.; Dias, V. (2015) – *Moinho do Castelinho. Um sítio a descobrir* (Catálogo da exposição). Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Encarnação, G.; Dias, V. (2017) - Estado atual do conhecimento acerca do povoamento em época romana na amadora. In Arnaud, J. M.; Martins, A., coords. - *Arqueologia em Portugal. 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 171-183.
- Encarnação, G., Dias, V. (2018) – *Moinho do Castelinho. Relatório dos trabalhos arqueológicos efetuados entre 26 de junho e 17 de novembro de 2017*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Encarnação J. d' (2001/2002) – Uma interessante inscrição romana de Laveiras (Oeiras). *Estudos Ar-*

- queológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 10, p. 405-413.
- Encarnação, J. d' (2012) – Fragmento de inscrição funerária de Arruda dos Vinhos (Conventus Scallabitanus). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras. 101, inscrição n.º 449.
- Encarnação, J. d'; Cardoso, G.; Nolen, J. U. S. (1982) – A *villa* romana do Alto do Cidreira em Cascais. *Arquivo de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. 4, p. 9-34.
- Ennaïfer, M. (1994) – Le mosaïque africaine à la fin de l'antiquité e au début de l'époque médiévale. In *Fifth International Colloquium on Ancient Mosaics. Bath, on September 5-12, 1987* (Journal of Roman Archeology; 1). Michigan: Cushig-Malloy Inc., p. 307-319.
- Fabião, C. (2006) – The Roman army in Portugal. In Morillo, A.; Aurecochea, J., eds. - *The Roman army in Hispania. An archaeological guide*. León: Universidad de León, p. 107- 218.
- Fabião, C. (2009) – O Ocidente da Península Ibérica no século VI: sobre o *pentanummiu* de Justiniano I encontrado na unidade de preparação de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património* [em linha]. Lisboa. 4, p. 25-59. Disponível em WWW: (URL: www.nia-era.org).
- Fendri, M. (1965) – Évolution chronologique et stylistique d'un ensemble des mosaïques dans une station thermale a Djebel Oust (Tunisie). In *Colloque de la Mosaïque Greco-Romaine. Paris. 29 Août – 3 Septembre*. Paris: CNRS. I, p. 157-172.
- Fernandes, L. (2009) – Capitel das *Thermæ Cassiorum* de Olisipo (Rua das Pedras Negras, Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR, IP. 12: 2, p. 191-207.
- Fernandes, L.; Pimenta, J.; Calado, M.; Filipe, V. (2013) - Ocupação sidérica na área envolvente do teatro romano de Lisboa: o Pátio do Aljube. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural (DGPC). 16, p. 167-185.
- Fernández Uriel, P. (2006) – La conquista de la Península Ibérica por Roma. In Morillo, A., ed. - *El ejército romano en Hispania. Guía arqueológica*. León: Universidad de León, p. 39-54.
- Ferreira, A. G. (2009) – *Trabalhos de Arqueologia: Intervenção Arqueológica do Sítio do Telhal (Sintra). Relatório final* [Policopiado].
- Ficcadori, G. (1983) – Note storiche ai mosaici di Lin (Albania). In *III Colloquio Internazionale sul Mosaico Antico. Ravenna. 6-10 Settembre 1980*. Ravenna: Edizioni del Girasole. I, p. 185-196.
- Filipe, I.; Fabião, C. (2006/2007) – Uma unidade de produção de preparados de peixe de época romana na Casa do Governador da Torre de Belém (Lisboa): uma primeira apresentação. *Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 58/59, p. 103-118.
- Fortes, M. L. S. (2008) – *A xestión da água na paisaxe romana do Occidente peninsular*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Santiago de Compostela [Policopiado].
- Gomes, M. V.; Cardoso, J. L.; André, M. C (1996) – O mosaico romano de Oeiras. Estudo iconográfico, integração funcional e cronologia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 6, p. 367-406.
- Gonçalves, A. (2011) – *A necrópole romana do Casal do Rebolo (Almargem do Bispo, Sintra)*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [Policopiado].
- Gonçalves, A. (2013) – O ritual funerário nos *agri olisiponensis*. Novos contributos para a sua caracterização. In Arnaud, J.; Martins, A.; Neves, C., coords. - *Arqueologia em Portugal: 150 anos. I Congresso de Arqueologia da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. 21-24 de novembro de 2013*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 803-811.
- Gonçalves, J. L. M. (1997) – O sítio arqueológico do Castelo (Arruda dos Vinhos) – escavações de 1988 a 1993. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa. 3, p. 5-52.
- Gonçalves, L. J. R. (2007) – *Escultura romana em Portugal: uma arte do quotidiano* (Studia Lusitania; 2). Mérida: Junta da Extremadura.
- Gorges, J.-G. (1974) – *Les Villas Hispano-Romaines (Inventaire et problématique Archéologiques)*. Paris: Publications du Centre Pierre.
- Grant, A. (1982) - The use of tooth wear as guide to the age of domestic ungulates. In Wilson, B.; Grigson, C.; Payne, S., eds. - *Ageing and sexing animal bones from archaeological sites* (BAR British Series; 109). Oxford: British Archeological Reports, p. 91-108.
- Guerra, A. (1995-97) – A respeito do nome de Vila Franca de Xira. *Cira Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 7, p. 155-165.
- Guerra, A. (2000) – A Península de Lisboa no 1.º milénio a.C.: Uma breve síntese, à luz das fontes e dos dados arqueológicos. In Silva, C. G., coord. – *Actas de Pré-história e História Antiga*. (Turres Veteras; IV). Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras e Instituto de Estudos Regionais e Municipalismo 'Alexandre Herculano', p. 119-128.
- Guerra, A. (2003) – Algumas notas sobre o mundo rural do território olisiponense e as suas gentes. In Santos, A. R. dos; Rodrigues, N. S.; Kuznetsova-Re-

- sende, T.; Guerra, A., eds. - *Mundo Antigo Economia Rural*. Lisboa: Edições Colibri, p. 123-150.
- Guerra, A. (2004a) – Uma perspectiva sobre a epigrafia funerária latina da região de Torres Vedras. In Silva, C. G., coord. – *História da morte* (Turres Veteras; VI). Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras e Instituto de Estudos Regionais e Municipalismo ‘Alexandre Herculano’, p. 57-72.
- Guerra, A. (2004b) – *Caepiana*: uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 7(2), p. 217-235.
- Guerra, A. (2009) – A propósito do topónimo Oeiras. Algumas considerações linguísticas e históricas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 17, p. 595-606.
- Guerra, A. (2012) – O troço inicial da Via *Olisipo-Bracara* e o problema da localização de Ierabriga. In Pimenta, J., coord. – *Atas da Mesa Redonda de Olisipo a Scallabis: A rede viária romana no vale do Tejo* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 24-40.
- Guerra, A. (2018) – O contributo da epigrafia de *Olisipo* e do seu território para estudo da mobilidade no período romano. In Senna-Martinez, J.C.; Martins, A. C.; Melo, A. A.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I. - *Fragmentos de Arqueologia 2: Meios Vias e Trajetos... Entrar e sair de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/ Direção Municipal da Cultura/ Departamento de Património Cultural/ Centro de Arqueologia de Lisboa e Sociedade de Geografia de Lisboa/ Secção de Arqueologia, p. 50-61.
- Guerra, A.; Blot, M. L.; Quaresma, J. C. (2000) – Para o enquadramento do sítio de Povos, um estabelecimento romano do curso inferior do Tejo. In *Senhor da Boa Morte. Mitos, História e Devoção* (Catálogo da exposição). Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 29-42.
- Hernando, M. S.; Ruivo, J. S. (1993-1997) – Um lote de moedas do tesouro tardo-romano das Ferrarias (Ramalhal, Torres Vedras). *Nvmmvs*. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática. 2.^a Série. XVI/XX, p. 231-245.
- Hübner, E. (1892) – *Corpus Inscriptionum Latinarum*. 2 (Suplemento). Berlim.
- Kadher, A. (1994) – Les mosaïques de la Maison du “Péristyle figure” à Puppūt. In *Fifth International Colloquium on Ancient Mosaics. Bath, on September 5-12, 1987* (Journal of Roman Archeology; 1). Michigan: Cushig-Malloy Inc., p. 173-186.
- Kadher, A.; Ennaïfer, M.; Spiro, M.; Alexander, M.; Soren, D. (1985) – *Corpus des Mosaïques de Tunisie*. Tunis: Institut National d’Arcchéologie et d’Art, II: 2.
- Lancha, J. (1977) - *Mosaïques Géométriques. Les Ateliers de Vienne (Isère). Leurs modèles et leur originalité dans l’empire romain*. Roma: «L’Erma» di Breitschneider.
- Lancha, J. (1981) – *Recueil Général des Mosaïques de la Gaule: III - Province de Narbonnaise - 2 Vienne*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique.
- Leeuwaarden, W.; Janssen, C. R. (1985) – A preliminary palynological study of peat deposit near an oppidum in the lower Tagus valley. In *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. 2, p. 225-235.
- Lima, A. M. C. (2019) – Mosaico 86 – Freixo, Marco de Canaveses. In Abraços, F., coord. - *O Corpus dos Mosaicos Romanos do Conuentus Bracaragustanus*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, p. 222-230.
- Limão, F. (2011) – The Vase’s Representation (Cantharus, Crater) on the Roman Mosaic in Portugal: A Significant Formal and Iconographic Path from Classic Antiquity to Late Antiquity. In *11th International Colloquium on Ancient Mosaics. Bursa, Turkey. October 16th-20th, 2009*. İstanbul: Mustafa ŞAHİN Üniversitesi / Uludağ University, p. 555-583.
- Lopes, J. E. (2017) – *Carta Arqueológica do Concelho de Arruda dos Vinhos*. Arruda dos Vinhos: Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos.
- López Castro, J. L. (1995) – *Hispania Poena. Los fenicios en la Hispania Romana*. Barcelona: Crítica/ Arqueologia.
- López Quiroga, J. (2009) – *Arqueología del hábitat rural en la Península Ibérica (siglos V-X)*. Madrid: La Ergastula ediciones.
- Luna, I.; Cardoso, G. (2013) – A urbe de Torres Vedras e a sua cerca medieva. In Fernandes, I. C. F., coord. – *Fortificações e território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*. Lisboa: Edições Colibri & Campo Arqueológico de Mértola. 1, p. 457-471.
- Lyman, R. L. (1994) - *Vertebrate Taphonomy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lyman, R. L. (2008) - *Quantitative Paleozoology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Machado, J. L. (1970) – Documentos de Estácio da Veiga para o estudo da arqueologia do Algarve. I – Catálogo de plantas, desenhos e mosaicos. In *I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa, 1969. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 335-385.
- Mañas Romero, I.; Vargas Vázquez, S. (2007) – Nuevos mosaicos hallados en Málaga: las villas de la Estación y de la Torre de Benagalbón. *Mainake*. Málaga: Diputación Provincial de Málaga. XXIX, p. 315-338.

- Mantas, V. G. (1982) – Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. XXI, p. 5-99.
- Mantas, V. G. (2000) – A rede viária romana e medieval da região de Torres Vedras. In Silva, C. G., coord. – *Actas de História Medieval* (Turres Veteras; I). Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras e Instituto de Estudos Regionais e Municipalismo 'Alexandre Herculano', p. 11-25.
- Mantas, V. G. (2002) – A população da região de Torres Vedras na época romana. In Silva, C. G., coord. – *Actas de Pré-história e História Antiga* (Turres Veteras; IV). Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras e Instituto de Estudos Regionais e Municipalismo 'Alexandre Herculano', p. 129-141.
- Mantas, V. G. (2005) – Os magistrados olisiponenses do período romano. In Silva, C. G., coord. – *História das figuras do poder* (Turres Veteras; VII). Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras e Instituto de Estudos Regionais e Municipalismo 'Alexandre Herculano', p. 21-56.
- Mantas, V. G. (2012a) – A estrada romana de *Olisipo a Scallabis*. In Pimenta, J., coord. – *Atas da Mesa Redonda de Olisipo a Scallabis: A rede viária romana no vale do Tejo* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 7-23.
- Mantas, V. G. (2012b) – População e mobilidade nas cidades romanas de Portugal. In *Atas do I Congresso Histórico Internacional. As cidades na História: População*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães. II, p. 99-125.
- Mantas, V. G. (2015) – Red viaria y red urbana en la Lusitania imperial. In Álvarez Martínez, J. M.; Carvalho, A.; Fabião, C., eds. – *Congresso Internacional Lusitania Romana: origen de dos pueblos / Lusitânia Romana: origem de dois povos. Mérida. Museu Nacional de Arte Romana. 18 e 19 de Setembro de 2015* (Studia Lusitana; 9). Mérida: Museu Nacional de Arte Romana, p. 109-118.
- Mantas, V. G. (2018) – Romanos e bárbaros na região de Torres Vedras. In Silva, C. G., coord. – *Torres Vedras: Nova História Local* (Turres Veteras; XX). Torres Vedras: Edições Colibri - Câmara Municipal de Torres Vedras - Instituto Alexandre Herculano, p. 9-30.
- Marques, G. (1982-83) – Aspectos da proto-história do território português. II – Povoado de Santa Eufémia (Sintra). *Sintria*. Sintra: Gabinete de Estudos de Arqueologia, Arte e Etnografia. 1/2, p. 59-88.
- Marques, J. A.; Gómez Martinez, S.; Grilo, C.; Batasta, C. (2013) – Sítios arqueológicos dos períodos Medieval e Moderno. In Silva, A. C.; Regala, F. T., coords. – *Povoamento rural no troço médio do Guadiana entre o rio Degebe e a ribeira do Álamo (Idade do Ferro e Períodos Medievais e Moderno) Bloco 14: Intervenções e Estudos no Alqueva* (Memórias d'Odiana: Estudos Arqueológicos do Alqueva). Évora: EDIA – Empresa de desenvolvimento e infra-estruturas do Alqueva / DRCALLEN - Direcção Regional de Cultura do Alentejo. 2.^a Série, p. 145-407.
- Martín-Ruiz, J. A. (2007) – *La crisis del siglo VI a.C. en los asentamientos fenicios de Andalucía*. Málaga: Diputación Provincial.
- Mascarenhas, J. M.; Bilou, F.; Neves, N. S. (2012) – O aqueduto romano de *Olisipo*: viabilidade ou utopia? Ensaio de traçado apoiado em modelação geográfica. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social. XLIII, p. 239-264.
- Matias, C. (2003) – Serra do Socorro. Uma aproximação à sua caracterização arqueológica no contexto da Estremadura Atlântica. *Boletim Cultural*. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, p. 308-358.
- Matos, J. L. (1970) – Cemitério romano de Sol Avesso, Oeiras. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série III. 3, p. 191-194.
- Miranda, J.; Encarnação, G.; Viegas, J.; Rocha, E.; Gonzalez, A. (1999) – *Carta Arqueológica da Amadora: do Paleolítico ao Romano*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Mladenova, J. (1983) – Les mosaïques de la villa d'Ivailovgrad (Bulgarie). In *III Colloquio Internazionale sul Mosaico Antico. Ravenna. 6-10 Settembre 1980*. Ravenna: Edizioni del Girasole. I, p. 149-166.
- Monjardino, J. (2019) – Património Vegetal de Cascais. In Encarnação, J. d', coord. – *Dos Patrimónios de Cascais: Homenagem a João Cabral*. Cascais: Associação Cultural de Cascais, p. 15-21.
- Monteiro, M. (2003) – *A necrópole romana de Casal de Pianos (São João das Lampas, Sintra)*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [Policopiado].
- Monteiro, M.; Cardoso, G. (2016) – A ocupação da Idade do Ferro na Serra de Monte Deixo: Moinhos Velhos e Moinho da Mariquitas (Torres Vedras). *Emerita - Estudos de Arqueologia e Património Cultural*. Oeiras: Emerita - Empresa Portuguesa de Arqueologia. 2, p. 6-20.
- Montenegro, A. P. de M. (1896) – Antigo Aqueducto de Lisboa. *O Archeologo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. II: 1, p. 229.
- Nicolaou, K. (1983) – Three New Mosaics at Paphos, Cyprus. In *III Colloquio Internazionale sul Mosaico Antico. Ravenna. 6-10 Settembre 1980*. Ravenna: Edizioni del Girasole. I, p. 219-225.
- Nolen, J. S. (1994) – *Cerâmicas e vidros de Torres de Ares – Balsa*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português de Museus.

- Olaio, A. (2018) - O povoado da Quinta do Almaraz (Almada, Portugal) no âmbito da ocupação no Baixo Tejo durante o 1.º milénio a.n.e.: os dados do conjunto anfórico. *Spal - Revista de Prehistoria y Arqueologia*. Sevilla: Universidad de Sevilla. 27, p. 125-164.
- Oleiro, J. M. B. (1973) - Mosaicos de Conímbriga encontrados durante as sondagens de 1899. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. XII, p. 1-92.
- Oleiro, J. M. B. (1986) - Mosaico Romano. In *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa. I, p. 111-127.
- Oleiro, J. M. B. (1992) - *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal. Conventus Scallabitanus I. Conimbriga - Casa dos Repuxos*. Conímbriga: Instituto Português de Museus, Museu Monográfico de Conímbriga, 2 vols.
- Oliveira, C. (2003) - *A villa romana de Rio Maior. Estudo de Mosaicos* (Trabalhos de Arqueologia; 31). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Oliveira, F. P. (1888-1892) - Antiquités Préhistoriques et Romaines des Environs de Cascaes. In *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa: Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal. II: I.
- Oller Guzmán, J. (2014) - La “civitas sine urbe” y su function de vertebración en el territorio provincial hispano: los casos de Egara y Caldes de Montbui. *Pyrenæ Revista de Prèhistòria i Antiguitat de la Mediterrània Occidental* [em linha]. Barcelona. 45: 1, p. 89-110. Disponível em WWW: (URL: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4962019>).
- Ovadiah, R.; Ovadiah, A. (1987) - *Hellenistic, Roman and Early Byzantine Mosaic Pavements in Israel* (Bibliotheca Archaeologica; 6). Roma: L'Erma di Bretschneider.
- Pereira, F. A. (1933) - Duas lápides suburbanas de Olisipo. *Arquivo Histórico de Portugal*. Lisboa. I (3), p. 106-117.
- Pereira, V.; Soares, J.; Tavares da Silva, C. (2017) - Understanding the First Chalcolithic Communities of Estremadura: Zooarchaeology of Castro de Chibanes, Portugal. Preliminary Results. *Papers from the Institute of Archaeology*. London: University College London. 27: 1, p. 1-11.
- Pessoa, M. (1998) - *Villa romana do Rabaçal*. Penela: Câmara Municipal de Penela.
- Pimenta, F. C. (1982-83) - Subsídios para o estudo do material anfórico conservado no Museu Regional de Sintra. *Sintria*. Sintra: Gabinete de Estudos de Arqueologia, Arte e Etnografia. 1/2, p. 117-150.
- Pimenta, J. (2007) - A Importação de ânforas de preparados piscícolas em Olisipo (Séculos II-I a.C.). In *Actas do Congresso Internacional de arqueologia: CETARIÆ. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad*. Cádiz: Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Cádiz, p. 221-233.
- Pimenta, J. (coord.) (2012) - *Atas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga. A rede viária romana no vale do Tejo* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- Pimenta, J. (coord.) (2013) - *Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo* (Catálogo da Exposição). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- Pimenta, J. (coord.) (2015) - *O Sítio Arqueológico de Monte dos Castelinhos - Vila Franca de Xira - em busca de Ierabriga* (Catálogo da Exposição). Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- Pimenta, J. (2020) - Antes do teatro. A cidade de Olisipo no período romano republicano. *Scæna*. Lisboa: Museu de Lisboa / Teatro Romano, p. 45-61.
- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural (DGPC). 8: 2, p. 313-334.
- Pimenta, J.; Domingos, J. B. (2015) - O povoamento romano em torno do Monte dos Castelinhos. In Pimenta, J., coord. - *O Sítio Arqueológico de Monte dos Castelinhos - Vila Franca de Xira - em busca de Ierabriga* (Catálogo da exposição). Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 125-134.
- Pimenta, J.; Henriques, E.; Mendes, H. (2012) - *O acampamento romano de Alto dos Cacos - Almeirim*. Almeirim: Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2006) - Ocupação romana no subsolo da Travessa do Mercado (Vila Franca de Xira). *Al-madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª Série. 14, p. 23-28. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/almadan/docs/almadan_online_14).
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2007) - A escavação de um troço da estrada romana *Olisipo-Scalabbis*, em Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR, I.P. 10: 2, p. 189-228.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2007a) - Evidências de ocupação romana no morro do Castelo de Alverca do Ribatejo (Vila Franca de Xira). *Al-madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª Série. 15, p. 73-78. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/almadan/docs/almadan_online_15).
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2007b) - A intervenção arqueológica na Casa da Câmara de Alverca do Ribatejo (Vila Franca de Xira). In *Alverca da Terra às*

- Gentes* (Catálogo da exposição). Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 53-70.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2010-2011) - Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 18, p. 591-618.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2012) – Sobre o povoamento romano ao longo da via de *Olisipo* a *Scallabis*. In Pimenta, J., coord. - *Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga: A rede viária romana no vale do Tejo* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 41-64.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2015) – Casal dos Pegos I e o Povoamento Orientalizante do Rio da Silveira (Vila Franca de Xira). *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 2, p. 19-54.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2016) – *Carta Arqueológica de Vila Franca de Xira*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira / Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX).
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2018) – Novos dados sobre o urbanismo de Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira). A campanha de escavações de 2017. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 6, p. 127-178.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Soares, R. (2014) - Do pré-romano ao Império: a ocupação humana do Porto de Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Magos*. Salvaterra de Magos: Câmara Municipal de Salvaterra de Magos. 1, p. 39-57.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Madeira, F. (2009) – O povoado pré-romano de Castanheira do Ribatejo, Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural (DGPC). 12-2, p. 177-208.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Norton, J. (2008) - O Povoado Tardo-Republicano do Monte dos Castelinhos – Vila Franca De Xira. *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 16, p. 26-37.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Sousa, E.; Arruda, A. M. (2020) – O sítio de Vale de Tijolos e outros dados acerca da ocupação proto-histórica da margem esquerda do estuário do Tejo. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 7, p. 6-31.
- Pimenta, J.; Ribera i Lacomba, A.; Soria, V. (2018) – Le ceramiche a vernice nera italica dei livelli di fondazione di Olisipo e Valentia (140–130 a.C.). In Bernal Casasola, D.; Cvjetanin, T.; Duggan, M.; Kenrick, P.M.; Menchelli, S.; Meyer-Freuler, C.; Slane, K. W., eds. - *Rei Cretariæ Romanæ Fautorum*. Bona: Rei Cretariæ Romanæ Fautorum. Acta 45, p. 115-125.
- Pimenta, J.; Soares, A. M.; Mendes, H. (2013) - Cronologia Absoluta para o Povoado Pré-Romano de Santa Sofia (Vila Franca de Xira). *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 2, p. 181-194.
- Pimenta, J.; Soria, V.; Mendes, H. (2014) - Cerâmicas de verniz negro itálico e imitações em pasta cinzenta de Monte dos Castelinhos - Vila Franca de Xira. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 86-121.
- Pimenta, J.; Sousa, E.; Amaro C. (2015) - Sobre as mais antigas ocupações da Casa dos Bicos, Lisboa: da *Olisipo* pré-romana aos primeiros contactos com o mundo itálico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural (DGPC). 18, p. 161-180.
- Pimenta, J.; Sousa, E.; Mendes, H.; Henriques, E.; Arruda, A. M. (2018) – A Eira da Alorna (Almeirim): as ocupações pré e proto-históricas. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 6, p. 9-49.
- Pimenta, J.; Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Pereira, T. R. (2019) – Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos. *Ophiussa*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. 3, p. 45-80.
- Pinto, I. V.; Schmitt, A. (2010) – Cerâmica comum. In Alarcão, J. de; Carvalho, P. C.; Gonçalves, A., coords. – *Castelo da Lousa: Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002* (Studia Lusitana; 5). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 219-443.
- Pinto, M. A. (2012) – O forno Romano da Pipa (Arruda dos Vinhos). *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 1, p. 158-166.
- Ponte, S. (1982-1983) – Algumas fíbulas dos concelhos de Sintra, Cascais, Amadora e Alenquer. *Sintria*. Sintra: Gabinete de Estudos de Arqueologia, Arte e Etnografia. 1/2, p. 107-116.
- Ponte, S. (1988) – *Villa rústica de S. Pedro de Caldelas - Tomar*. Tomar: Centro de Estudos de Arte e Arqueologia da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, 1.
- Ponte, S. (2006) - *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas S.A..
- Quaresma, J. C. (2017) – A *villa* de Frielas na Antiguidade Tardia: evolução estratigráfica entre c. 410 e 525-550 d.C. *Mediæval Sophia. Studi e ricerche sui saperi medieval* (Peer e-Review annuale dell'Officina di Studi Medievali). 19, p. 431-454.
- Quesada Sanz, F. (2008) – Armamento romano y ibérico en *Urso* (Osuna): testimonio de una época. *Cuadernos de los amigos de los Museos de Osuna*. Osuna: Colegiata de Osuna. 10, p. 13-19.

- Quintela, A. de C.; Cardoso, J. L.; Mascarenhas, J. M. (1986) – *Aproveitamentos hidráulicos romanos a sul do Tejo. Contribuição para a sua inventariação e caracterização*. Lisboa: Ministério do Plano e da Administração do Território.
- Ramallo Asensio, S. F. (1985) – *Mosaicos Romanos de Carthago Nova (Hispania Citerior)*. Murcia: Consejería de Cultura y Educación de la Comunidad Autónoma.
- Reitz, E. J.; Wing, E. S. (2008) - *Zooarchaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ribeiro, J. C. (1982-83) – Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Iulius Maelo Caudicus Sintria*. Sintra: Gabinete de Estudos de Arqueologia, Arte e Etnografia. 1-2, p. 151-476.
- Ribeiro, J. C. (1987a) – Vestígios arqueológicos pré-medievais na área urbana da Vila de Sintra. *Jornal de Sintra* (20 de Fevereiro a 20 de Março de 1987). Sintra.
- Ribeiro, J. C. (1987b) - APONIANICVS POLISCINIVS um falso teónimo. *Revista Municipal* [em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 2.^a Série. 20, 2.º trimestre, p. 3-14. Disponível em WWW: (URL: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/LisboaRevM/N20/N20_master/N20.pdf).
- Ribeiro, J. C. (1989-90) – Romanização e Romanidade na Zona W do Município Olisiponense. *Jornal de Sintra* (27 de Outubro a 23 de Março). Sintra.
- Ribeiro, J. C. (1994) – *Felicitas Iulia Olisipo*: algumas considerações em torno do catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.^a Série. 3, p. 75-95.
- Ribeiro, J. C. (coord.) (1996a) – *Sintra. Património Mundial*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.
- Ribeiro, J. C. (1996b) – A Ora Marítima de Avieno e a descrição da costa atlântica entre o Cabo da Roca e a foz do Sado. A propósito da localização de Poetanius. In *La Hispania prerromana. Actas del VI Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica. Coimbra. 13-15 de Outubro de 1994*. Salamanca: Universidad de Salamanca, p. 121-128.
- Ribeiro, J. C. (2007) – Soli æterno Lunæ. Cultos astrais em época pré-romana e romana na área de influência da Serra de Sintra: um caso complexo de sincretismo? In Cardim Ribeiro, J., coord. - *Diis Deabusque. Actas do II Colóquio Internacional de Epigrafia: Culto e Sociedade*. Sintra: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, p. 595-624.
- Ribeiro, J. C. (2013) – Ptolomeu, *Geogr.* II 5, 6: XPHTINA ou *APHTINA? In Pimentel, M. C.; Alberto, P. F., eds. - *Vir bonus peritissimus æque. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 343-379.
- Ribeiro, J. C. (2016) – Ad Antiquitates Vestigandas. Destinos e itinerários antiquaristas nos campos olisiponenses ocidentais desde inícios a meados do século XVI. In Gonzalez Germain, G., ed. – *Peregrinationes ad inscriptiones colligendas. Estudios sobre epigrafía de tradición manuscrita*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona.
- Ribeiro, J. C. (2019) – *Escrever sobre a margem do Oceanus: epigrafia e religio no santuário do Sol poente (provincia Lusitania)* (Sylloge Epigraphica Barcinonensis; Annexos 3). Barcelona: Universitat de Barcelona.
- Ribeiro, O. (1935) – A Arrábida. Esboço Geográfico. Sep. de *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, t. 3.
- Ribeiro, O. (1937) – Arrábida. Esboço geográfico. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. IV (1 e 2), p. 51-131.
- Ribeiro, R.; Neto, N.; Rebelo, P.; Rocha, M. (2017) - Dados preliminares de uma intervenção arqueológica nos antigos Armazéns Sommer, Lisboa (2014-2015) - três mil anos de história da cidade de Lisboa. In Caessa, A.; Cameira, I.; Nozes, C.; Silva, R. B., eds. - *Atas do I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação* [CD-ROM]. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, p. 222-245.
- Ricci, A. (1985) – Ceramica a pareti sottili. *Atlante delle forme ceramiche*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana. II, p. 241-353.
- Riccioni, G. (1983) – Mosaici pavimentali di Rimini del I e II secolo d.C. con motivi figurati (scavi 1956-1965). In *III Colloquio Internazionale sul Mosaico Antico. Ravenna. 6-10 Settembre 1980*. Ravenna: Edizioni del Girasole. I, p. 19-34.
- Rodrigues, S. (2019) – Caparide, um Território Medieval por Excelência. In Encarnação, J. d', coord. - *Dos Patrimónios de Cascais: Homenagem a João Cabral*. Cascais: Associação Cultural de Cascais, p. 131-152.
- Rodríguez Ferrer, A. (1988) – El templo de Hércules/Melkart. Un modelo de explotación económica y prestigio político. In *Actas del 1º Congreso Peninsular de Historia Antigua. Santiago de Compostela. 1-5 julio 1986*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela. II, p. 101-110.
- Sá, C. M. (1959) – *Mosaicos Romanos de Portugal*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [Policopiado].
- Sánchez López, E.; Martínez Jiménez, J. (2016) – *Los acueductos de Hispania. Construcción y abandono*. Madrid: Fundación Juanelo Turriano.
- Santos, A. B.; Pereira, A.; Gomes, J.; Monteiro, N.; Pimenta, J.; Mendes, H.; Detry, C. (2018) - Estudo das faunas do período republicano do Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira, Portugal). *Cira*

- Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 6, p. 100-126.
- Sarrazola, A. (2014) - Rua do Passadiço, n.º 26 (Freguesia de São José) Olisipo e o seu termo (*pomerium e suburbia*). *Revista Rossio Estudos de Lisboa* [em linha]. Lisboa: Gabinete de Estudos Olisiponenses da Câmara Municipal de Lisboa. 3, p. 28-33. Disponível em WWW (URL: https://issuu.com/gabinete.estudos.olisiponenses/docs/rossio_3_issuo).
- Sepúlveda, E.; Sousa, E. M.; Sousa, V. R. C. (2003) - Cerâmicas finas romanas do Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras): II – a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6: 1, p. 299-321.
- Sepúlveda, E.; Vale, A.; Sousa, V.; Santos, V.; Guerreiro, N. (2002) - A cronologia do circo de Olisipo: a *Terra Sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 5: 2, p. 245-275.
- Silva, A. V. da (1944) - Uma estação lusitano-romana no sítio de Poço do Côrtes. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 20/21, 1.º e 2.º trimestre, p. 37-41.
- Silva, J. P. (1879) – Sepultura da Idade da pedra descoberta na Real Tapada da Ajuda. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e dos Archeólogos Portugueses*. Lisboa. II.ª Série. 11, t. 2.
- Silva, R. (2012) – *Villa* romana de Frielas. In Pimenta, J., coord. - *Atas da mesa redonda de Olisipo a Iera-briga* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp 88-102.
- Silva, R.; Reis, L. C.; Caetano, M. T. (2011) - Mosaicos da *villa* romana de Frielas – primeira notícia. In *X Colóquio Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo (AIEMA)*. Conímbriga: Instituto de Museus e da Conservação/Museu Monográfico de Conímbriga, p. 889-902.
- Silva, R. B. da (2018) – O sítio do Cemitério dos Prazeres (Lisboa): um assentamento romano no espaço rural de Olisipo. *Cira Arqueologia* [em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. VI, p. 179-198. Disponível em WWW: (URL: <https://www.cm-vfxira.pt/cmvmfxira/uploads/document/file/2190/6.pdf>).
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (1973) – Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal). In *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. I, p. 245-305.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (2014) – O Projecto de Investigação Arqueológica “CIB” e a campanha de escavações Chibanes/2012. *Musa. Museus, Arqueologia & Outros Patrimónios*. Setúbal: Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) / Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS). 4, p. 75-98.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C.; Duarte, S.; Pereira, T. R.; Soria, V. (2019) – Aspectos da presença militar romano-republicana no castro de Chibanes (Palmela). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 22, p. 79-93.
- Soria, V. (2018) – *La ceramica a vernice nera italica e le imitazioni a impasto grigio in Portogallo tra il II e il I secolo a.C.: una prospettiva di studio*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [Policopiado].
- Sousa, E. (2014) - *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- Sousa, E. (2016) - Algumas considerações sobre a ocupação do final da Idade do Bronze na Península de Lisboa. In Sousa, A. C.; Carvalho, A.; Viegas, C., eds. - *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 387-402.
- Sousa, E. (2017) – Percorrendo o Baixo Tejo: Regionalização e Identidades Culturais na 2.ª metade do 1.º milénio a.C. In Celestino Pérez, S.; Rodríguez González, E., eds. - *Territorios comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica*. Madrid: CSIC - Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 295-318.
- Sousa, E. (2018) – A tale of two (?) cities: Lisbon and Almaraz at the dawn of the Iron Age. *Rivista di Studi Fenici*. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche. 46, p. 137-151.
- Sousa, E.; Arruda, A. M. (2018) - A I Idade do Ferro na Alcáçova de Santarém (Portugal): os resultados da campanha de 2001. *Onuba - Revista de Arqueología y Antigüedad*. Huelva: Universidad de Huelva. 6, p. 57-95.
- Sousa, E.; Guerra, S. (2018) – A presença fenícia em Lisboa: novos vestígios descobertos no alto da Colina do Castelo de São Jorge. *Saguntum - Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*. Valência: Departament de Prehistòria, Arqueologia i Història Antiga de la Universitat de València. 50, p. 57-88.
- Sousa, E.; Pimenta, J. (2014) – A produção de ânforas no estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In Morais, R.; Fernández, A.; Sousa, M. J., eds. - *As produções cerâmicas de imitação na Hispania / II Congresso Internacional da SECAH - Ex Officina Hispana*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. I, p. 303-315.
- Sousa, E.; Pimenta, J.; Mendes, H.; Arruda, A. M. (2016) – A ocupação Proto-Histórica do Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal). *Cira Arqueologia*. Vila

- Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, p. 9-32.
- Sousa, E.; Pimenta, J.; Silva, I.; Mendes, H.; Arruda, A. M.; Dorado-Alejos, A. (2020) – Ânforas da Idade do Ferro e de tradição pré-romana do Porto do Sagueiro (Muge, Portugal). *Spal - Revista de Prehistoria y Arqueologia*. Sevilla: Universidad de Sevilla. 29-1, p. 129-156.
- Sousa, E. M. de (1992a) – Ruínas romanas de Santo André de Almoçageme: a incidência da “terra sigillata” no contexto arqueológico de uma *villa* áulica dos *agri* olisiponenses: o caso do “Terreno A” (freg. de Colares, conc. de Sintra). In Ponte, S. da; Ventura, A. M.; Miranda, J., coords. - *Actas do Seminário: O Espaço Rural na Lusitânia – Tomar e o seu Território*. Tomar: Centro de Estudos de Arte e Arqueologia, p. 85-91.
- Sousa, E. M. de (1992b) – Terra sigillata hispânica tardia da *villa* romana de Santo André de Almoçageme (Colares, Sintra). *Artefactos. Revista de estudos sobre la ciência y la tecnologia*. Salamanca: Instituto de Estudios de la Ciencia y la Tecnología de la Universidad de Salamanca. 1, p. 16-21.
- Sousa, E. M. de (1996) – Cerâmicas ditas campanienses e de imitação conservadas no Museu Regional de Sintra. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 35, p. 37-58.
- Souza, V de (1990) – *Corpus Signorum Imperii Romani: Portugal (CSIR)*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras / Association Internationale d'archéologie Classique.
- Stern, H. (1963) – *Recueil Général des Mosaïques de la Gaule. I - Province de Belgique - 3 Partie Sud*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique.
- Tavares da Silva, C. (2011) – No Baixo Sado: da presença fenícia à Imperatoria Salacia. In Cardoso, J. L.; Almagro-Gorbea, M., eds. - *Lucius Cornelius Bocchus: Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*. Lisboa-Madrid: Academia Portuguesa da História e Real Academia de la Historia, p. 57-72.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (1997) – Chibanes Revisitado - Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. *Estudos Orientais*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa. VI, p. 33-66.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (2012) – Castro de Chibanes (Palmela). Do III milénio ao séc. I a.C. In Fernandes, I.; Santos, M., eds. - *Palmela Arqueológica no Contexto da Região Inter-estuarina Sado-Tejo*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, p. 67-87.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (2014) – O Castro de Chibanes (Palmela) e o tempo social do III milénio na Estremadura. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) / Assembleia Distrital de Setúbal (ADS). 15, p. 105-172.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Beirão, C. M.; Ferrer Dias, L.; Coelho-Soares, A. (1980-81) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) / Assembleia Distrital de Setúbal (ADS). 6-7, p. 149-218.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Duarte, S.; Pereira, T. R.; Coelho-Soares, A. (2019) – Castro de Chibanes (Palmela). Trabalhos arqueológicos de 2012 a 2017. In Soares, J.; Pinto, I. V.; Tavares da Silva, C., eds. - *Do Paleolítico ao Período Romano Republicano* (Setúbal Arqueológica; 18). Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) / Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS), p. 215- 246.
- Tejerizo García, C. (2013) – La arquitectura doméstica en las aldeas mesetanas altomedievales. In Quirós Castillo, J. A., ed. - *El Poblamiento Rural de Época Visigoda en Hispania: Arqueología del campesinado en el interior peninsular* (Documentos de Arqueología Medieval; 6). Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, p. 65-258.
- Tereso, J. P. (2014) – Vestígios arqueobotânicos do III milénio cal BC de Chibanes (Palmela, Setúbal). In *Actas do II Encontro de Arqueologia da Arrábida. Homenagem a A. I. Marques da Costa* (Setúbal Arqueológica; 15). Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) / Assembleia Distrital de Setúbal (ADS), p. 173-180.
- Torres, M. A. M. (1862) – *Descrição historica e economica da villa e termo de Torres-Vedras: parte historica*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2.ª edição.
- Valenzuela-Lamas, S.; Fabião, C. (2012) - Ciervos, ovejas y vacas: el registro faunístico de Mesas do Castelinho (Almodôvar) entre la Edad del Hierro y Época Romana. In Deus, M. M. de, coord. - *Atas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: Câmara Municipal de Almodôvar, p. 412-432.
- Vargas Vásquez, S. (2016a) – Pavimentos musivos del yacimiento romano de Fuente Álamo (Puen-te Genil, Córdoba). *Romula*. Sevilla: Seminario de Arqueología de la Universidad Pablo de Olavide de Sevilla. 15, p. 185-226.
- Vargas Vásquez, S. (2016b) – *Diseños geométricos en los mosaicos del Conventus Astigitanus*. Oxford. Archaeopress Archaeology.

Vasconcelos, J. L. de (1899-1900) – Antiguidades Romanas de Lisboa. *O Archeologo Português*. Lisboa: Museu Etnológico Português. Série 1. V, p. 282-287 [Em linha]. Disponível em WWW: (URL: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_1/volume_5/282_antiguidades_lisboa.pdf).

Vasconcelos, J. L. de (1937) - Lisboa arcaica. Da idade da Pedra à reconquista cristã, programa de um estudo. *Boletim Cultural e Estatístico*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. I: 2, p. 155-165 [Em linha]. Disponível em WWW: (URL: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BoletimCE/N2/N2_master/N2.pdf).

Viegas, J.; Gonzalez, A. (1996) – *Aqueduto Romano da Amadora* (Relatórios; 2). Amadora: ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora.

Vigil-Escalera Guirado, A. (2013) – El registro arqueológico del campesinado del interior peninsular en época altomedieval. In Quirós Castillo, J. A., ed. - *El Poblamiento Rural de Época Visigoda en Hispania: Arqueología del campesinado en el interior peninsular* (Documentos de Arqueología Medieval; 6). Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, p. 65-258.

Villa, P.; Mahieu, E. (1991) - Breakage patterns of human long bones. *Journal of Human Evolution*. London. 21, p. 27-48 [Em linha]. Disponível em WWW: (URL: <https://www.sciencedirect.com>).

Wrench, L. N. C. (2016) – Cercaduras de consolas, de sólidos e de ondas em mosaicos romanos do território português. Possíveis relações entre *officinæ* hispânicas. In Neira Jiménez, L., ed. - *Estudios sobre mosaicos antiguos y medievales*. Roma: L'erma di Bretschneider, p. 121-129.

Wrench, L. N. C. (2019) – Mosaico 34 – Casa da Roda. In Abraços, F., coord. - *O Corpus dos Mosaicos Romanos do Conuentus Bracaraugustanus*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, p. 112-123.

Zeder, M.; Lapham, H. (2010) - Assessing the reliability of criteria used to identify postcranial bones in sheep, *Ovis*, and goats, *Capra*. *Journal of Archaeological Science*. London. 37, p. 2887-2905 [Em linha]. Disponível em: WWW: (URL: <https://www.sciencedirect.com>).

Zeder, M.; Lemoine, X.; Payne, S. (2015) - A new system for computing long-bone fusion age profiles in *Sus scrofa*. *Journal of Archaeological Science*. London. 55, p. 135-150 [Em linha]. Disponível em: WWW: (URL: <https://www.sciencedirect.com>).

Obras Gerais

— (1973) - *Répertoire Graphique du Décor Géométrique dans la Mosaïque Antique*. AIEMA [Policiado].

Legislação e Normas

Anúncio n.º 9908/2012 de 8 de maio. Diário da República, 2.ª série, n.º 89. Presidência do Concelho de Ministros. Lisboa.

Lista de Autores

ALEXANDRE GONÇALVES

Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (MASMO) / Câmara Municipal de Sintra (CMS)
Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL)
alexandre.MASMO@gmail.com

AMÍLCAR GUERRA

Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL)
Centro de História da Universidade de Lisboa (CH) / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL)
aguerra@campus.ul.pt

ANTÓNIA COELHO-SOARES

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) / Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)
cea.maeds@amrs.pt

CARLOS TAVARES DA SILVA

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) / Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)
Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL)
cea.maeds@amrs.pt

CRISTINA NOZES

Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL) / Departamento de Património Cultural (DPC) / Direção Municipal de Cultura (DMC) / Câmara Municipal de Lisboa (CML)
cristina.nozes@cm-lisboa.pt

ELISA DE SOUSA

Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL)
e.sousa@campus.ul.pt

GISELA ENCARNÇÃO

Museu Municipal de Arqueologia (MMA) / Divisão de Intervenção Cultural (DIC) / Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) / Câmara Municipal da Amadora (CMA)
museu.arqueologia@cm-amadora.pt

GUILHERME CARDOSO

Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL) / Departamento de Património Cultural (DPC) / Direção Municipal de Cultura (DMC) / Câmara Municipal de Lisboa (CML)
guilherme.cardoso@cm-lisboa.pt

HENRIQUES MENDES

Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX) / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira (CMVFX)
henrique.mendes@cm-vfxira.pt

ISABEL LUNA

Museu Municipal Leonel Trindade (MMLT) / Divisão de Cultura, Património Cultural e Turismo (DCPCT) / Câmara Municipal de Torres Vedras (CMTV)
isabelluna@cm-tvedras.pt

JOÃO LUÍS CARDOSO

Universidade Aberta
Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CEACO) / Câmara Municipal de Oeiras (CMO)
joao.cardoso@cm-oeiras.pt

JOÃO PIMENTA

Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX) / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira (CMVFX)
Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL)
joao.marques@cm-vfxira.pt

JOAQUINA SOARES

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) / Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)
Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL)
cea.maeds@amrs.pt

JORGE LOPES

Unidade de Educação, Cultura, Turismo e Juventude (UECTJ) / Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos (CMAV)
jlopes@cm-arruda.pt

Lista de Autores (cont.)

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP) / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC)

jde@fi.uc.pt

LUÍSA BATALHA

batalhaluisa5@gmail.com

MARIA DA CONCEIÇÃO ANDRÉ

Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CEACO) / Câmara Municipal de Oeiras (CMO)

maria.andre@cm-oeiras.pt

MARIA TERESA CAETANO

Instituto de História da Arte (ARTIS) / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL)

mtvcaetano@gmail.com

NELSON J. ALMEIDA

Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL)

nelsonjalmeida@gmail.com

SEVERINO RODRIGUES

Núcleo de Património Histórico e Cultural (NPHC) / Divisão de Arquivos, Bibliotecas e Património Histórico (DABP) / Câmara Municipal de Cascais

severino.rodrigues@cm-cascais.pt

SUSANA DUARTE

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) / Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)

cea.maeds@amrs.pt

TERESA RITA PEREIRA

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) / Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)

Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL)

cea.maeds@amrs.pt

VANESSA DIAS

Museu Municipal de Arqueologia (MMA) / Divisão de Intervenção Cultural (DIC) / Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) / Câmara Municipal da Amadora (CMA)

museu.arqueologia@cm-amadora.pt

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA

Catarina Vaz Pinto

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA

Manuel Veiga

DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA

Jorge Ramos de Carvalho

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

António Marques

COORDENAÇÃO GERAL

Jorge Ramos de Carvalho

GESTÃO DE PROJETO

Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML
António Marques – CAL/DPC/DMC/CML
Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML
Manuel Oleiro – EGEAC

PARCEIROS DO PROJETO

ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação
e gestão de Património Lda.; Câmara Municipal
de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer;
Camara Municipal de Almada; Câmara Municipal

da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos
Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara
Municipal de Loures; Câmara Municipal de
Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara
Municipal de Oeiras; Câmara Municipal de
Odivelas; Câmara Municipal de Palmela; Câmara
Municipal de Seixal; Câmara Municipal de
Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara
Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia
de Almada; Direção Geral do Património
Cultural (DGPC); DGPC / Direção Regional de
Cultura do Norte; DGPC / Museu Nacional
de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em
Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos
e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal
– Empreendimentos e Exploração de
Parqueamentos, S.A.; Empatia – Arqueologia
Lda.; Eon – Indústrias Criativas LDA.; Eurostar
Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia,
Conservação e Gestão de Património S.A.;
Geopark/Naturtejo da Meseta Meridional;
Geopark / UNESCO / Oranização das Nações
Unidas para a Educação, ciência e Cultura;
Hotel Governador (Belém, Lisboa) / Nau|Hotels
& Resorts; Museu Arqueológico do Carmo /
Associação dos Arqueólogos Portugueses;
Museu do Dinheiro / Banco de Portugal;
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito
de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico
da Rua dos Correios (NARC) / Fundação
Millennium BCP; Neoépica – Arqueologia e

Património Lda.; Quinta de S. Sebastião; The
7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade
de Serviços Financeiros e Investimentos Lda.;
Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior
/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro
de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz
(CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de
Investigação em Governança, Competitividade
e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra
/ Faculdade de Letras / Centro de Estudos de
Arqueologia, Artes e Ciências do Património
(CEAACP); Universidade de Évora / Laboratório
Hércules; Universidade de Lisboa / Faculdade de
Arquitetura / Forma Urbis LAB; Universidade de
Lisboa / Faculdade de Ciências / Departamento
de Geologia; Universidade de Lisboa /
Faculdade de Letras / Centro de Arqueologia da
Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade
de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de
Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa
(CEC); Universidade de Lisboa / Faculdade de
Letras / Instituto de História de Arte (ARTIS);
Universidade de Lisboa / Instituto Superior de
Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade
Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais
e Humanas / Instituto de Estudos Medievais
(IEM); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade
de Ciências Sociais e Humanas / Centro em
Rede de Investigação em Antropologia (CRIA);
Universidade Nova de Lisboa / Faculdade
de Ciências Sociais e Humanas / Departamento
de História de Arte.

Livro

TÍTULO

Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*:
O *Ager Olisiponensis* e as estruturas
de povoamento

COORDENAÇÃO DO VOLUME

Cristina Nozes – CAL / DPC / DMC / CML
Guilherme Cardoso – CAL / CDP / DMC / CML

INVESTIGAÇÃO E AUTORIA

Alexandre Gonçalves
Amílcar Guerra
Antónia Coelho-Soares
Carlos Tavares da Silva
Cristina Nozes
Elisa de Sousa
Gisela Encarnação
Guilherme Cardoso
Henrique Mendes
Isabel Luna
João Luís Cardoso
João Pimenta
Joaquina Soares
Jorge Lopes
José d'Encarnação
Luísa Batalha
Maria da Conceição André
Maria Teresa Caetano
Nelson J. Almeida
Severino Rodrigues
Susana Duarte

Teresa Rita Pereira

Vanessa Dias

REVISÃO DO VOLUME

Cristina Nozes – CAL / DPC / DMC / CML
Inês Viegas – DPC / DMC / CML
Vasco Leitão – CAL / DPC / DMC / CML

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

Cristina Nozes – CAL / DPC / DMC / CML
Inês Morais Viegas (coord.) – DPC / DMC / CML
Vasco Leitão – CAL / DPC / DMC / CML

© Câmara Municipal de Lisboa,
autores dos textos de cada volume
e editora Caleidoscópio.

DESIGN GRÁFICO

José Ribeiro

ISBN

978-989-658-686-7

DEPÓSITO LEGAL

463308/19

TIRAGEM

1.500 exemplares

EDIÇÃO

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA
Telef.: (+351) 21 981 79 60
Fax: (+351) 21 981 79 55
caleidoscopio@caleidoscopio.pt
www.caleidoscopio.pt

ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO
lisboaromana@cm-lisboa.pt

FACEBOOK:
<https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/>

INSTAGRAM
<https://instagram.com/lisboaromana>

TWITTER
twitter.com/LisboaRomana